LUIZ FERNANDO ARY

*“O Potencial da Mídia como Material Didático no Ensino da
Língua Árabe ”*

Dissertação apresentada ao Programa de Estudos Judaicos e Árabes para a obtenção de título de mestre, na linha de pesquisa Estudos Árabes e Islâmicos Contemporâneos, sob orientação do Prof. Paulo Daniel Elias Farah.

Resumo

A vivência de mais de três décadas com a Língua Árabe, inicialmente como estudante e, mais recentemente, como professor, proporcionou-me o contato com uma variedade de materiais didáticos e dicionários, parte dos quais organizados em acervo pessoal. O constante uso e organização desse acervo para a elaboração de aulas fez surgir um questionamento que acabou culminando no objeto de pesquisa, ora explicitado. Os tipos de materiais existentes para o estudo de árabe atendem a objetivos específicos e apresentam pouca complementariedade entre si. Em outras palavras, os materiais dedicados ao ensino de Árabe Clássico não fazem referência aos materiais que trabalham a linguagem coloquial e vice-versa. Deste modo, os alunos são levados a fazer uma opção inicial e o professor, a adaptar-se a ela para atender os anseios dos alunos. É comum os alunos expressarem frases do tipo: “eu só quero aprender a falar”, ou então, “eu quero aprender a ler para poder ler o Alcorão no original”. Seja um ou outro, o aluno, de forma mais ou menos explícita, tem a impressão de que está aprendendo algo pela metade.

Ao longo da prática didática, contudo, começamos a utilizar alguns materiais complementares que se revelariam mais tarde como de grande potencial didático, como os materiais da mídia escrita (jornais e revistas) que utilizam o chamado *Modern Standard Arabic*. Estes materiais mostraram-se como uma terceira via, exatamente na mediação entre o Árabe Clássico e o Coloquial, e poderiam ajudar a resolver o grande impasse do processo de ensino-aprendizagem da Língua Árabe: fazer o aluno compreender o Árabe como uma só língua. *Mídia, árabe, al Jazeera*

Abstract

The experience of more than three decades with the Arabic Language, initially as a student and more recently as a teacher, bestowed a variety of learning materials and dictionaries upon me, part of which organized in my personal library. The continuous use and handling of this material for preparing classes aroused a great deal of inquiring which led to the carrying of this research. The existing materials for the teaching and learning of Arabic do respond to specific purposes though are not complementary to that of the students in general. In other words, materials with the aim of teaching classical Arabic do not make reference to those which deal with colloquial language and vice versa. Being so, students are forced to choose one among them, and the teacher ends up adapting one method in order to fulfil the students' interests. Indeed, it is very common to listen to students say: "I just want to learn to speak", or "I want to learn to read to understand the Koran". In any case, more clearly or not, the impression is that the student is always missing something while learning.

During this teaching process though, we started to use some complementary material, that later have revealed as a great source for learning, as media written articles (newspaper and magazines) that employ Modern Standard Arabic. Thus, such materials have showed somehow quite effective in mingling these two lines – classical and colloquial, which could end the impasse in the course of teaching and learning Arabic and finally make the student understand Arabic as one single language.

Key words: media, Arabic, *al Jazeera*

1. Introdução.....	4
2. Embasamento teórico-conceitual.....	6
2.1 Linguagem.....	15
2.2 Mídia.....	25
2.3 Língua Árabe.....	36
2.4 Identidade árabe.....	77
3. Procedimentos de pesquisa e resultados obtidos.....	88
4. Conclusão.....	113
5. Referências.....	115

O ensino da língua árabe para não nativos apresenta algumas dificuldades relacionadas ao alfabeto e aos poucos livros didáticos disponíveis no mercado. Ao longo da prática didática, comecei a utilizar alguns materiais complementares que se revelariam mais tarde como de grande potencial didático, como os materiais da mídia escrita (jornais e revistas) que utilizam o chamado Modern Standard Arabic. Estes materiais mostraram-se como uma terceira via, exatamente na mediação entre o Árabe Clássico e o Coloquial, e poderiam ajudar a resolver o grande impasse do processo de ensino-aprendizagem da Língua Árabe: fazer o aluno compreender o Árabe como uma só língua. Ensinar o aluno a usar a linguagem midiática como instrumento para a compreensão, tradução, escrita e comunicação pode expandir seu universo de comunicabilidade tornando-o mais proficiente num tempo mais curto. Entendemos que quando aprendemos um idioma novo, levamos um tempo considerável para dominar esta nova língua a ponto de podermos expor nossas opiniões, entender uma palestra, uma notícia de jornal e discutir assuntos mais complexos como política e religião etc.

Por outro lado, a utilização da mídia pode ajudar o aprendiz de um segundo idioma a transpor o limite do signo e fazer o real uso do significante, pois ele terá nos meios de comunicação (jornais televisivos na internet, reportagens, documentários etc.) condições para fazer as associações entre os dois elementos – signo e significante. Segundo Rego (2000, p 41)

A linguagem é um sistema de signos que possibilita o intercâmbio social entre indivíduos que compartilham desse sistema de representação da realidade. Cada palavra indica significados específicos, como por exemplo, a palavra “pássaro” traduz o conceito deste elemento presente na natureza (ou substitui) a realidade. É justamente por fornecer significados precisos que a linguagem permite a comunicação entre os homens.

Nesse contexto, esta pesquisa tem como objetivo investigar o potencial da linguagem midiática no ensino da Língua Árabe. Orientamo-nos por uma hipótese principal de que o uso da linguagem midiática, à medida que possibilita a convergência entre a língua clássica e coloquial, permitiria ao aluno compreender a Língua Árabe como um todo coerente, aumentando a eficiência do aprendizado. Isto ocorreria, entre outros fatores, pelo aumento do léxico atual da língua que a mídia proporcionaria, tornando o aluno mais apto a uma comunicação que assume, cada vez mais, características globalizantes. Desta forma, os artefatos midiáticos ajudariam o aluno a se inserir nesse universo global tornando-o mais capaz de nele se comunicar de forma atual e consciente em um segundo idioma. Baseamo-nos na ideia de que o léxico adquirido pela mídia é um importante componente que pode facilitar a inserção cultural do aluno no universo da segunda língua e, conseqüentemente sua comunicação com os nativos da língua, superando-se a ideia de um aprendizado meramente voltado à incorporação das regras da linguagem. Os jornais como sempre, trazem não somente notícias do cenário político, mas também cadernos culturais, seção de esportes, cinema, teatro, previsão do tempo e etc.

Como principais resultados pudemos, usando os textos midiáticos e portais de notícias na internet, colocar o aluno frente a um universo de assuntos que o ajudaram a adquirir mais léxico e torna-lo mais fluente. Os resultados permitiram-nos concluir que esse material midiático e todos os recursos usados na internet hoje para a divulgação da notícia da língua árabe, podem servir como uma ferramenta eficaz no aprendizado da língua, assim como em outras línguas também.

2. Embasamento teórico-conceitual

Baseamo-nos em dois conceitos que entendemos ter uma ligação direta com o nosso objeto de estudo. A linguagem – por ser um meio sistemático capaz de comunicar ideias através de signos gestuais, sonoros, convencionais, gráficos

etc. A mídia – como organismo vivo que passa a informação de acordo com ambientes culturais já estabelecidos em que a veiculação dessa informação terá recepção e acima de tudo fará sentido. Segundo Rego (2000, p 41),

O desenvolvimento mental humano não é dado a priori, não é imutável e universal, não é passivo, nem tampouco independente do desenvolvimento histórico e das formas sociais da vida humana. A cultura é portanto, parte constitutiva da natureza humana, já que sua característica psicológica se dá através da internalização dos modos historicamente determinados e culturalmente organizados de operar como informações.

Atualmente, aplicativos das principais redes de notícias árabes disponíveis em *smartphones* e *tablets* podem colocar o aluno em contato com os principais acontecimentos do mundo. Em seu artigo no jornal americano - *The Modern Language Journal* (O jornal do idioma moderno) de 1918, Clarke já incentivava o uso do fonógrafo no ensino de uma segunda língua, alegando que o aparelho poderia ser um motivador para o estudante, considerando a inovação do instrumento de estudo e “estimularia a memória já que as mesmas frases repetidas por ele e pelo professor não teriam o mesmo efeito” (p. 118 -119). Mais tarde, o potencial pedagógico do uso do rádio foi considerado uma extensão do fonógrafo no ensino de língua estrangeira, mas como ensino à distância gerou polêmica. Cabarga afirmava que “somente metade, ou menos, dos alunos matriculados enviariam os exercícios e redações pelo correio” (PP 189-200). Décadas mais tarde em 1972, Garfinkel defendia a ideia de que o rádio “possuía os recursos tecnológicos que supriam qualquer sala de aula, não importando a distância, com uma riqueza de estímulos do mundo todo” (PP 158-162). Garfinkel analisou as “características que fazem [transmissões por rádio] diferentes de outros suplementos de mídia.” (p. 162). Ele apontou para o fato que pesquisadores da comunicação “já tinham traçado um estudo linear da mídia para experiências de aprendizado que ia do ‘concreto’ ao ‘abstrato’” (p. 162). Para Garfinkel, considerando o estudo linear “o rádio seria um

instrumento mais ‘concreto’ do que os materiais amplamente usados em nossas salas de aula” (p. 162). Em 1984, Wipt discutiu o uso pedagógico das transmissões de rádio para ensino de língua estrangeira. Wipt ofereceu uma lista dos maiores benefícios desse artefato como “acesso maior à expressões e dialetos, aplicação da gramática adquirida em um modelo contextualizado, motivação de ouvir transmissões originais, discussão de assuntos internacionais em sala de aula, autonomia do aluno” (p. 11).

Já os aplicativos funcionam como uma ferramenta adicional, por exemplo, quando o aluno dispõe de tempo, durante o dia, sendo um grande benefício o fato de ser uma ferramenta assíncrona, sem horários predefinidos. A prática contínua de ouvir o idioma, mesmo havendo perdas na compreensão, permitem ao aluno familiarizar-se com o som da língua, e colocando-o em contínuo contato com o idioma trazem ganhos para a aprendizagem. Segundo Macluhan (1995, p. 35),

Leonard Doob, em seu relatório *Communication in Africa* (Comunicação na África), conta de um africano que sofria para ouvir, todas as noites, o noticiário da BBC - embora não entendesse nada do que se falava. Mas estar em presença daqueles sons, às 7 horas da noite, diariamente, era importante para ele. Sua atitude para com a fala era igual a nossa diante da melodia (no inglês): a entonação ressonante já é bastante significativa.

Hoje estamos ligados, mesmo involuntariamente, à informação e cada vez mais dependentes da tecnologia que nos liga a ela. Podemos dizer que essa tecnologia já está incorporada a nós como um sentido. Segundo Macluhan (1995, p. 88),

O poder da tecnologia em criar seu próprio mercado de procura não pode ser desvinculado do fato de a tecnologia ser, antes de mais nada, uma extensão de nossos próprios corpos e de

nossos sentidos. Quando estamos privados do sentido de visão, os outros sentidos até certo ponto, procuram supri-lo. Mas a necessidade de utilizar os sentidos disponíveis é tão premente quanto respirar – o que confere sentido à necessidade que sentimos em manter o rádio ou o aparelho de televisão ligados quase que continuamente. A pressão para o uso contínuo independe do conteúdo dos programas ou do sentido de vida particular de cada um, testemunhando o fato de que a tecnologia é parte do nosso corpo.

A semiologia teve um papel importante. O jogo de *mise-en-scène* (encenação) da informação pode dar ao estudante, acreditamos, um dos vetores para a aquisição de linguagem. A lógica simbólica que aqui nos interessa é como o aluno através da mídia irá regular o conteúdo recebido em classe com as representações midiáticas em agências de notícias como a *al Jazeera*, *al Arabiyah*, *BBC Arabic* etc, construindo suas próprias representações que serão traduzidas em conhecimento do idioma. Devemos ressaltar aqui que não iremos estudar a mídia como instituição, ou qual a sua relevância no mundo atual. Muitos a consideram detentora de poder, tendenciosa e inclinada a interesses locais. Sendo assim, aqui neste trabalho, seu papel será apenas como veículo de informação e mais ainda como transmissora de linguagem para o aluno.

Além das referências utilizadas nesta pesquisa fizemos uso de redes de notícias árabes disponíveis hoje na internet, *al Arabiyah*, *al Jazeera* e a *BBC Arabic*. A rede *al Jazeera* disponibiliza hoje um site para os alunos que estudam árabe nos níveis básico, intermediário e avançado. Diferentemente de outras redes de notícias, a *al Jazeera* e a *al Arabiyah* foram concebidas para serem transmitidas em todos os países árabes e com a expansão da internet nos anos 90 começam a ser vistas pelos falantes de língua árabe em todos os lugares do mundo. O satélite *Arabsat*, lançado em 8 de fevereiro de 1985 foi responsável pela exibição dos canais árabes de cada país em todos os países árabes. Considerando o fato das diferenças linguísticas no árabe, essas exibições, de certa forma, contribuíram para estreitar o idioma ainda mais como

um elemento comum em todos os países. Anteriormente, o Egito foi um dos importantes difusores da cultura árabe – filmes, discografia, livros em todos os países árabes. Hoje, qualquer indivíduo do Marrocos, Síria, Líbano, ou Arábia Saudita facilmente compreende o dialeto egípcio graças a essa expansão. Por interesses obviamente políticos os países árabes tiveram que esperar pelo lançamento do satélite. Segundo Badawi, (2006, p. 155)

ففي أول الأمر رفضت الإدارة الأميركية آنذاك الترخيص لأحدى الشركات المساهمة في المشروع بتصدير بعض الأجزاء الضرورية بحجة أنها أجهزة غير عادية و ليست لقمر مدني مائة في المائة مما يعني أن القمر قد يكون للأغراض العسكرية.¹

Trabalhamos também com materiais muito adotados em outras escolas, a exemplo do *Al Kitab al Assasi* (volumes 1 e 2) usados no Instituto *Qalam wa Lawh* do Marrocos especializado em ensino de árabe para estrangeiros. O volume 1 (um) conta com um CD-Rom em que o aluno pode ouvir os capítulos e fazer exercícios no computador. O livro 2; que não possui um CD-Rom; abrange assuntos diversos da cultura árabe como Literatura, Sociologia, Poesia, Caligrafia, e o Uso de Dicionários Árabes e no Capítulo 18 – الصحافة (As Sahafa El Arabiyah – Madkhel Ila Dirása al Mujtamaa Al Arabi – A mídia árabe, ingresso no estudo da sociedade árabe) traz ao aluno alguns aspectos gerais de uma sociedade árabe não identificada. O capítulo mostra quais os prováveis assuntos que serão encontrados em um jornal árabe como política, economia, astrologia, clima e horário das orações no Islã. A leitura do texto ressalta pontos gramaticais que são reforçados por exercícios. Consideramos importante que o aluno transporte o conhecimento adquirido nesse capítulo e vivencie-o em matérias jornalísticas que hoje são destaques em sites como a *al Jazeera*, *al Arabiyah* e outros. Entrando em contato com essas redes de notícias o aluno sai de sua zona de conforto e vivencia assuntos que hoje dominam a mídia como, por exemplo – A reação da sociedade muçulmana em Paris aos ataques terroristas, o êxodo dos Sírios

¹ Inicialmente a administração americana na época recusou uma autorização para uma das empresas participantes alegando que o satélite possuía interesses militares. (tradução nossa).

devido aos conflitos na Síria, a queda do embargo ao Irã. Essa transferência de fonte de conhecimento lhe será útil para fazer suas analogias e inferências. Segundo Venturi (2008, pag 40),

Os processos inferenciais caracterizam-se pela capacidade de raciocinar, de elaborar inferências, isto é, de obter ou reconhecer uma certa informação não explicitada, a partir de outra. Pela inferência, o sujeito une recordações, experiências e esquemas mentais à necessidade de dar sentido ao que se percebe.

Percebemos hoje que a grande parte dos estudantes vem às aulas com uma visão já estruturada sobre o árabe como um idioma binário e sendo assim mais complexo para ser estudado. Sem negligenciar a importância dos dialetos, ou da forma orgânica viva que cada um dos países usa culturalmente essa unidade linguística, nossa proposta é usar a linguagem da mídia como um facilitador de comunicação entre o aluno e os falantes do idioma. O alforismo entre o que é coloquial e o que é escrito no árabe parece ser uma questão que se arrasta e insiste em posicionar o estudante frente a um dilema na escolha do que estudar. Observemos o diálogo entre duas personagens sobre o idioma árabe. (BADAWI, 2006 pag 401),

صعب على الأجنبي الذي يريد أن يتعلم العربية

هذا صحيح في الوقت الحاضر بكل أسف. و لكن انتشار التعلم في الوطن العربي سيؤدي إلى زوال

العامية و انتصار الفصحى بإذن الله

هذا سيكون أصعب يوم للمتعلم الأجنبي²

² É difícil para o estrangeiro estudar árabe.

É verdade infelizmente. Mas a difusão do ensino nos países árabes levará ao desaparecimento da língua coloquial e a língua clássica vencerá se Deus quiser. Este será o dia mais feliz para o estudante estrangeiro. (Tradução nossa)

Nosso maior desafio é fazer o aluno de árabe se apropriar de algo novo – o conhecimento, e fazê-lo entender que esse conhecimento deve ser aplicado e vivenciado, ora reconhecendo os vocábulos aprendidos durante as aulas nos noticiários árabes disponíveis na internet, ora tentando usando-os em aulas seguintes. Sabemos que, segundo Vygotsky, o ser humano não é uma “tábua rasa” onde o conhecimento é absorvido de forma passiva, mas sim como um ser sociável que interage dentro de um contexto cultural historicamente definido. Não devemos nos esquecer de que muitos fatores podem interferir no aprendizado do idioma e como consequência levar a um baixo rendimento chegando ao ponto de muitos alunos optarem por desistir dos estudos. Considerando a faixa etária dos estudantes entendemos que muitos trabalham, chegam às aulas cansados, mas como educadores devemos tentar atenuar essas frustrações trazendo à classe uma dinâmica que evite a evasão. É comum a complacência do aluno de árabe consigo quando atinge um nível satisfatório de leitura depois de ter passado pelo processo de alfabetização. Para encorajá-lo a continuar é essencial que ele perceba que os conteúdos adquiridos até então, e os que estão por vir, devem ter um significado concreto como a discussão de um tema atual. É importante lembrar que o idioma dessa pesquisa; o árabe; não é visto como uma segunda língua para o aluno que, por exemplo, visualize uma promoção profissional ou mesmo queira participar de cursos ou congressos no exterior. Temos a ciência de que o inglês continua, e deve continuar sendo, um dos idiomas mais estudados além de disciplina obrigatória nas grades curriculares dos Ensinos Fundamental e Médio no Brasil. Deixaremos de lado o porquê da escolha de estudar o idioma x ou y, mas sem nos esquecermos de que a mídia também poderia ser aplicada como instrumento de ensino em qualquer outra língua estrangeira. Até mesmo no português podemos lembrar que durante o Ensino Fundamental os professores pedem aos alunos que tragam à sala de aula recortes de notícias de jornais para discutirem um tema relevante. Essa didática tem como objetivo aumentar a capacidade do aluno de articular suas idéias, incentivar a leitura além de enriquecer seu léxico. Em outras palavras, essa didática hoje daria ao estudante de língua estrangeira uma maior flexibilidade cognitiva, uma maior consciência linguística e desenvolveria um pensamento crítico mais aguçado.

São várias as razões que fazem o estudante se interessar pelo idioma árabe, assim como qualquer outro idioma, essas razões podem ser profissionais, pessoais ou culturais, mas procuramos crer que a cultura árabe exerce de certa forma um fascínio na decisão do estudante em procurar um curso ou professor de árabe. Não nos cabe aqui expor tais razões, mas consideramos relevante relatar que um número grande de alunos mergulha no idioma na esperança de se embriagar em uma semântica carregada de significado e exotismo. Procuramos, de certa forma, não desencorajar o estudante que procura no árabe essas características, e ao mesmo tempo empenhamo-nos em ressaltar que ao aprender o idioma ele estará inserido em um intercâmbio dinâmico com um mundo árabe atual, mercantil e que politicamente tem passado por transformações significantes. O que pretendemos dizer é que a desmistificação de qualquer ciência; antes de estudá-la mais profundamente; pode concretizar no aluno uma visão mais real dos conteúdos a serem estudados e essa visão real por sua vez o fará mais confiante. A visão putativa que o idioma árabe carrega deve-se talvez ao Orientalismo como academia principalmente a partir do século XVIII que representou; e se encarregou em transmitir; um “Oriente” carregado de significado. Por outro lado, não podemos deixar de explorar no árabe elementos tão característicos da cultura que certamente irão dialogar nos campos da semiologia e da linguística. Em outras palavras, símbolos autóctones da mídia árabe como conflitos, intifadas e religião podem servir como elementos carregados de significado na aquisição de linguagem. MacLuhan (1995), sugere que o homem, diferentemente das criaturas biológicas, possui um aparato de transmissão e transformação baseado em sua capacidade de armazenar – como na própria linguagem, de resto – é também um meio de transformar a experiência. Durante o processo de alfabetização, por exemplo, pelo qual passaram os alunos que hoje utilizam a mídia, usamos palavras carregadas de significado na cultura árabe como جمل (jamal – camelo), مسجد (masjed – mesquita), برج (burj – torre) no momento em que eles aprendiam a letra ج (jin). Citamos aqui, apenas à título de exemplo, apenas três formas da grafia da letra ج (jin) – ج (jin inicial na palavra dromedário) ج (jin medial na palavra mesquita) e ج (jin isolado na palavra

torre). Colocamos no PowerPoint slides com as imagens de um dromedário, uma mesquita e uma torre e pedimos aos alunos para que lessem as palavras em árabe sem verbalizar a tradução em português. Julgamos desnecessária a tradução considerando a presença de um símbolo tão significativo e concreto. Entendemos que o processo de compreensão foi automático auxiliando, a priori, a memorização dos vocábulos haja vista que as palavras - dromedário, mesquita e torre não abrem campo para ambiguidade. Podemos inferir que durante o período de alfabetização, o processo de utilizar imagens ajudou o aluno a criar conexões da letra ج (jin) com imagens da cultura árabe envolvendo-o em uma comunicação real. O mesmo processo foi utilizado com todas as outras letras do alfabeto sempre usando imagens carregadas de simbologia como, por exemplo: وادي (wadi, destacando o ا alef na palavra vale), باب (bab, mostrando as duas formas da letra ب ba na palavra porta e fazendo-o recordar o ا alef desta vez final nessa palavra), نار (nar, mostrando o ن nun na palavra fogo) e assim sucessivamente com todas as letras do alfabeto árabe. Concluímos que as palavras relacionadas um pouco ou muito com a cultura árabe, memorizadas rapidamente foram: adaga, alaúde, ameixa, antílope, asno, azeitona, camelo, carneiro, cavalo, damasco, falcão, flauta, hiena, noite, pão sírio, pavão, pepino, pinholi, pirâmide, tâmara e xícara, enquanto que palavras mais universais, mas também aprendidas utilizando-se imagens levaram mais tempo para serem memorizadas como: baleia, cão, casa, chá, corrente, esquilo, frio, máscara, molar, morcego, muro, pardal, piano, ponte, suco, touro e tronco. O pressuposto é que a língua seja adquirida através de experiências de comunicação e principalmente, aqui no caso da alfabetização, com as expectativas de cada aluno e sua experiência de mundo. Mais adiante, quando os alunos começaram a aprender substantivos no plural, usamos a mídia do PowerPoint, após uma explicação da complexa formação do número em árabe. Colocamos a imagem de um camelo com a palavra جمال (jamal – camelo) e no slide seguinte a imagem de vários camelos com a palavra جمال (jimal - camelos) e pedimos a eles para que não verbalizassem a tradução. Da mesma forma usamos um slide com imagens de mesquitas e a palavra مساجد (masajid - mesquitas) e outro com imagens de torres e a palavra بروج (buruj – torres) para que novamente não houvesse a necessidade da verbalização da

palavra em português. Na dinâmica de imagem/palavra árabe/não tradução, objetivamos a memorização das palavras no plural baseada na capacidade do aluno de inferir fazendo uso de seu conhecimento, mas não apenas limitando-se a esse conhecimento. Esse método permitiu ao aluno se beneficiar de suas habilidades analíticas e de generalizar, onde possível, para chegar a suas conclusões.

Nosso foco de pesquisa concentra-se agora apenas nos alunos que já possuem um grau de proficiência intermediário na língua para fazerem uso da mídia como um instrumento para chegarem a um nível mais avançado. Se usamos a mídia durante o processo de alfabetização como explicamos anteriormente, entendemos que temos no momento uma gama maior de fontes disponíveis para dar apoio ao aluno. Em outras palavras, o ambiente de aprendizado ultrapassa os limites da sala de aula. O processo integrado de construção de aprendizado significativo e interdisciplinar deve sobrepujar conteúdos isolados e temas fragmentados.

Ensinar o aluno a usar a linguagem midiática como instrumento para a compreensão, tradução, escrita e comunicação pode expandir seu universo de comunicabilidade, tornando-o mais proficiente num tempo mais curto. Entendemos que quando aprendemos um idioma novo, levamos um tempo considerável para dominar esta nova língua a ponto de podermos expor nossas opiniões, entender uma palestra, uma notícia de jornal e discutir assuntos mais complexos como política e religião etc.

2,1 Linguagem

Devemos entender que, no curso da História, a linguagem tem sido concebida de formas bastante diferentes, que podem ser sintetizadas em três princípios: como representação (espelho) do mundo e do pensamento, como ferramenta (instrumento) de comunicação e como forma (lugar) de ação ou interação.

Na primeira concepção o homem representa para si o mundo através da linguagem. Sendo assim, a língua tem como função seu pensamento e conhecimento de mundo. A segunda concepção vê a língua como um código onde um emissor comunica a um receptor determinadas mensagens. Neste caso, a linguagem tem como papel transmitir informações. A terceira encara a linguagem como forma de ação, como atividade, como ação orientada entre dois indivíduos onde o lugar possibilita aos integrantes da sociedade a prática de atos.

Para melhor compreendermos os mecanismos da linguagem faz-se importante ressaltar que ela sempre existirá em um movimento permanente onde não há e não haverá espaço para construções formais. No terreno onde as relações humanas se desenrolam, os contextos históricos darão as matizes ao pensamento humano. Na língua, ela é responsável por transmitir; através de signos culturalmente estabelecidos; idéias e pensamentos. No campo da linguística vê-se a dificuldade de se definir a linguagem como um objeto de estudo considerando-se a amplitude no qual ele se encontra e aos diversos aspectos a serem estudados. Saussure propõe que “tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita”. (SAUSSURE, 2000, p. 17). Na interdependência entre linguagem e língua Saussure sugere: “é necessário colocar-se primeiramente no terreno da língua e tomá-la como norma de todas as outras formas de manifestação de linguagem” (op cit, 2000, p. 28). Segundo Saussure a língua talvez tenha uma definição mais autônoma. (op cit, 2000, p 17)

Mas o que é a língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos.

Da mesma forma Saussure vê a língua como uma entidade social e não pertencente a um só indivíduo. (op cit, 2000, p. 21)

(...) trata-se de um tesouro depositado pela prática de fala de todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade, um sistema gramatical que existe virtualmente em cada cérebro ou, mais exatamente, num cérebro de um conjunto de indivíduos, pois a língua não está completa em nenhum, e só na massa ela existe de modo completo.

Se pensarmos na língua entenderemos que ela é o transmissor de signos que compreendem a linguagem. Saussure afirma que “o signo linguístico une não uma coisa a uma palavra, mas um conceito a uma imagem acústica” (op cit, 2000, p.80).

Considerando a importância que a linguagem tem na conexão aluno-mídia, entende-se que além de ser um reflexo da realidade, a linguagem está ligada a um tempo e a um espaço e especialmente à posição do aluno diante do mundo. Neste nosso estudo a linguagem é responsável por produzir sentidos. Se pensarmos na mídia como locutor e no aluno como locutário no diálogo, corremos o risco de limitar a linguagem a um processo fechado e limitado. Devemos entender que a mídia pode ser interlocutora de si mesma, pois pertence a um contexto histórico e cultural definido. Sendo assim, antes de veicular uma informação ao locutário entende-se que um diálogo; ligado a esse contexto histórico e cultural; foi pensado e tecido, ou seja, o discurso foi marcado pela presença da alteridade, pela consciência da existência de um “tu” futuro. Segundo Charaudeau (2013, p. 33):

Qualquer que seja a pergunta que se faça a respeito da informação, volta-se sempre para a questão de linguagem. A linguagem não se refere somente aos sistemas de signos internos a uma língua, mas a sistemas de valores que comandam o uso desses signos em circunstâncias de

comunicação particulares. Trata-se da linguagem enquanto ato de discurso, que aponta para a maneira pela qual organiza a circulação da fala numa comunidade.

Pensamos ser mais relevante não nos atermos à definições de linguagem, ou tentar reduzi-las à ideias e discursos abstratos, mas sim tentar compreendê-los como ações, práxis. Deste modo, podemos entender que a ação que acompanha a performance linguística dará à linguagem em si efeito e legitimidade. A linguagem isolada, de um locutário ou receptor, torna-se obscura ou em estado de dicionário. Neste nosso estudo; para que o aluno adquira um grau de proficiência satisfatório; a imagem - de jornais televisivos especialmente, terá um papel fundamental para que ele faça as conexões do conhecimento já adquirido com o que está por vir. Segundo Bakhtin: “A compreensão é uma resposta a um signo por meio de signos”. (1999, p 34) Se considerarmos as imagens que serão apresentadas ao estudante; e ele com seu conhecimento de mundo, ideologias e convicções; podemos dizer que ele reconhecerá, filtrará e traduzirá essas imagens para seu campo de compreensão. Da mesma forma que a imagem desempenha um papel fundamental nesse processo, a palavra, ou signo escrita e falada, também servirá como transmissor de conhecimento para o aluno. De acordo com Bakhtin (1999 p. 41)

As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É, portanto claro que a palavra será o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados. A palavra constitui o meio no qual se produzem lentas acumulações quantitativas de mudanças que ainda não tiveram tempo de adquirir uma nova qualidade ideológica, que ainda não tiveram tempo de engendrar uma forma ideológica nova e acabada. A palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras de mudanças sociais.

Hoje entendemos que o indivíduo adquire conhecimento também através das relações sociais, e não apenas através de uma lógica científica. E por intermédio da relação entre indivíduos que a linguagem estabelece o ponto de troca de informações e experiências. Este esforço de aprendizagem não está centrado somente na observação dos elementos a sua frente, mas também na busca de identificação desses elementos. Segundo MacLuhan (1974, p. 97)

[...] sem a linguagem, a inteligência humana teria permanecido totalmente envolvida nos objetos de sua atenção. A linguagem é para a inteligência o que a roda é para os pés, pois lhes permite deslocar-se de uma coisa a outra com desenvoltura e rapidez, envolvendo-se cada vez menos. A linguagem projeta e amplia o homem, mas também divide as suas faculdades.

No processo de construção intelectual o homem executa um papel de investigação e a pluralidade desse processo abre as portas para a aquisição do conhecimento. A linguagem no linear da construção intelectual, contribui quase de forma soberana e por meio dela se estabelece a edificação do conhecimento. Segundo Lévy (1994, p. 120) "o espaço do saber não existe. É, no sentido etimológico, uma utopia, um não lugar". Desta forma, entendemos que em qualquer processo de comunicação, em que o conhecimento é adquirido – há formas diversas de linguagem. No espaço onde o saber se desenvolve, e o intelecto comum é o principal agente, há animação, cores, sons, percepção, sentido. Nessa interação social, a linguagem hoje ganhou mais espaço nas mídias sociais, nos jornais eletrônicos, tudo à luz da internet. Embora muitos ainda defendam o jornal físico, que chegava e ainda chega às portas todas as manhãs e que pode ser encontrado em bancas de jornal, a rede de notícias na tela de um computador ganha mais espaço hoje considerando-se a facilidade de acesso. Podemos afirmar que a monocronia presente em um jornal tradicional, físico, limita a possibilidade de comunicação e transmissão de linguagem entre o jornalista e o leitor. Não podemos aqui desacreditar o valor do conteúdo informativo e textual de um jornal tradicional,

mas sim somar a possibilidade linguística existente nos jornais eletrônicos da troca de conhecimento no campo de aprendizagem de idiomas. Possivelmente em um futuro mais distante (embora não seja nosso objeto de estudo aqui) a imagem irá se sobrepor ao texto fazendo-se menos necessário a leitura para a aquisição de informação. Hoje, por exemplo, anúncios fazem uso desta ferramenta para vender um produto onde a linguagem é carregada de apelo visual o que atrai a atenção do consumidor. Segundo Souza (2001, p. 10) “somos conforme a linguagem que utilizamos para dizer uns aos outros quem somos”. Isto é, para ele, a mídia é apenas o resultado esperado de um processo social. Castells vê na Internet (1999, p. 247)

[...] uma ordem social organizada de modo a satisfazer uma das mais consideráveis das demandas latentes na sociedade: a demanda por livre expressão interativa e pela criação autônoma, hoje distorcida pelo pensamento esclerosado dos meios de comunicação tradicionais.

O que vemos hoje é a adaptação da linguagem aos novos canais de mídia. A ossificação dos jornais tradicionais perde espaço para a mídia eletrônica e televisiva. Mais uma vez não desacreditamos no valor textual dos jornais tradicionais, mas queremos ressaltar a possibilidade linguística nas novas formas de comunicação midiática. Por exemplo, nos jornais televisivos, é cada vez mais presente a língua de sinais para deficientes auditivos. Percebemos então que, hoje, a evocação de sentidos para a transmissão de uma mensagem se faz por meio de uma linguagem mais visual dada à instantaneidade de acontecimentos e eventos que se sobrepõem. Obviamente a palavra escrita é necessária, mas o que torna fascinante a notícia é obviamente o apelo visual e linguístico nela despendido. Segundo Machado, (2002, p. 109),

[...] textos escritos e oralizados, imagens fixas e em movimento, sons musicais ou ruídos, gestos, toques e toda sorte de respostas corporais se combinam para constituir uma modalidade discursiva única e holística. A informática nos

impõe, portanto, o desafio de aprender a construir o pensamento e expressá-lo socialmente através de um conjunto integrado de meios, através de um discurso áudio-tátil-verbo-moto-visual, sem hierarquias e sem a hegemonia de um código sobre os demais.

Torna-se muito claro que o organismo da mídia tem que se adaptar agora a uma nova linguagem para poder responder à competição existente no mercado. A partir da perspectiva de interatividade entre o emissor e o receptor, a inferência de receptor, almejada pelo emissor, deve estar inserida em um contexto social para que seja efetiva. Isto é, a notícia mais carregada de imagem passa a ter mais força e impacto sobre o leitor. Sob a perspectiva comercial, blogs e redes sociais conquistam mais espaço e passam a ser “correspondentes” das redes de notícia tendo em vista a rapidez com que os fatos se propagam. Podemos entender com a figura abaixo um pouco de como este processo de transmissão de linguagem vem evoluindo até chegar à época da informática.

Figura 1 – As revoluções da linguagem e suas mídias Adaptado de Dias (1999, p. 269).

De uma forma muito simplificada, podemos afirmar que a linguagem só pode existir na alteridade, na presença do outro. Apenas a forma como essa linguagem é transmitida muda com a evolução, porém, o objetivo de comunicação entre indivíduos permanece perene. Inicialmente a informação era transmitida oralmente, e hoje, muitos questionam a veracidade de textos antigos considerando-se que muito poderia ser deturpado durante o processo de transmissão entre indivíduos. Todavia, a legitimidade da linguagem presente nessa forma de comunicação oral foi presente, embora os condutores possam ter linearmente transformado os conteúdos à luz de interesses e ideologias. Segundo Lévy (1997, p. 3),

Nas sociedades orais, as mensagens linguísticas eram sempre recebidas no tempo e no lugar em que eram emitidas. Emissores e receptores partilhavam uma situação idêntica e, em geral, um universo análogo de significado. Os atores da comunicação estavam embebidos no mesmo banho semântico, no mesmo contexto, no mesmo fluxo vivo de interação.

Com o aparecimento da imprensa a linguagem tornou-se atrelada ao texto, cabendo ao leitor inferir o conteúdo baseado em seu conhecimento de mundo. Para Lévy “a escrita, ao separar as mensagens das situações onde são usados e produzidos os discursos, suscita a ambição teórica e as pretensões à universalidade” (LÉVY, 1993, p. 91). Por outro lado, diferentemente das culturas ágrafas, a linguagem, quando existente em textos, torna-se privilégio dos letrados e da elite. Segundo McLuhan (1974, p. 69),

[...] a alfabetização cria espécies de povos muito mais simples do que aquelas que se desenvolvem na teia complexa das sociedades orais e tribais comuns. O homem fracionado cria o mundo ocidental homogeneizado, enquanto as sociedades orais são constituídas de gente diferenciada, não por suas habilitações especializadas ou sinais visíveis, mas por suas singulares misturas emocionais.

Quando a palavra passa a ser vista, e não apenas ouvida, o leitor começa a usar o imaginário para traçar aquilo que foi lido. Símbolos codificados são agora os condutores do que se pretende dizer. A produção tipográfica abre caminho então para o universo da produção literária. Nesse momento o conhecimento pode ser compartilhado e graças a essa produção tipográfica a linguagem torna-se outra vez um mediador na interatividade e no diálogo. Segundo McLuhan (1974, p. 137),

[...] o poder de traduzir conhecimentos em produção mecânica, mediante o parcelamento de qualquer processo em aspectos fragmentados dispostos em sequência linear de partes móveis e uniformes, constitui a essência formal da imprensa.

A era digital, por sua vez, torna ilimitado o uso da linguagem para a transmissão de ideias e conhecimento. Imagens em alta definição, sons e a rapidez com que um fato pode ser visto em todo o mundo, globalizam símbolos e permite a todos, por intermédio das mídias sociais, a expressão de opinião no campo da política, da sociedade e das formas artísticas. O acesso à informação torna-se mais disponível. A forma de comunicação em aplicativos de smart phones quase que inutiliza as palavras e passa a ser feita através de símbolos que expressam alegria, tristeza, indignação, surpresa etc. Segundo Kenski, (2007, p. 31),

[...] uma linguagem de síntese, que engloba aspectos da oralidade e da escrita em novos contextos [...] rompe com as formas narrativas circulares e repetidas da oralidade e com o encaminhamento contínuo e sequencial da escrita e se apresenta como um fenômeno descontínuo, fragmentado e, ao mesmo tempo, dinâmico, aberto e veloz. Deixa de lado a estrutura serial e hierárquica na articulação dos conhecimentos

e se abre para o estabelecimento de novas relações entre conteúdos, espaços, tempo e pessoas diferentes.

Com referência à mídia, todo o avanço tecnológico democratiza o acesso à informação e de certa forma coloca o receptor como um “co-autor” da notícia devido à tessitura reticular pela qual a informação passa a ser compartilhada. As redes de notícias permitem que uma notícia seja compartilhada em redes sociais. Segundo Lévy (1993, p. 121)

[...] um modelo digital não é lido ou interpretado como um texto clássico, ele geralmente é explorado de forma interativa. Contrariamente à maioria das descrições funcionais sobre papel ou aos modelos reduzidos analógicos, o modelo informático é essencialmente plástico, dinâmico, dotado de uma certa autonomia de ação e reação.

Podemos dizer, de certa forma, que hoje o computador transformou o ambiente social, assim como a televisão o fez no começo da década de 1950. Os valores começaram a ser construídos através da linguagem que era veiculada naquela época. Anúncios comerciais passam a ditar o comportamento social e estimulavam o consumo em massa. Hoje, a tela de um computador assume o papel da televisão, porém em uma amplitude muito superior possibilitando que escolhas sejam feitas com relação àquilo que será lido, assistido etc. Uma determinada notícia pode ser vista não mais em um horário fixo, mas posteriormente, assim como em diferentes redes permitindo ao leitor fazer uso das diferentes linguagens nelas contidas para chegar à sua conclusão da veracidade da mesma e formar assim sua opinião quanto ao conteúdo.

Entendemos que nenhum texto possui todos os indicadores ou elementos linguísticos necessários para sua compreensão, porém hoje com a tecnologia disponível a linguagem assume um papel ainda mais efetivo na ponte entre o texto e o receptor, que por sua universalidade em espaços globalizados,

conferem ao leitor de uma notícia uma intimidade com os fatos e os aproxima mais de seu conhecimento de mundo.

2.2 – Mídia

Temos a intenção neste capítulo de explicar uns poucos mecanismos da mídia e como acreditamos que ela será efetiva para o aluno de língua árabe. Aqui, quando nos referimos à mídia, pensamos qual parte desse veículo de comunicação que mais poderá funcionar como uma ferramenta eficaz nas mãos do estudante para que ele possa ampliar seus conhecimentos. Entendemos hoje, em um mundo totalmente ligado pela tecnologia, onde o professor de língua estrangeira assume um papel fundamental de orientar seus alunos a fazer uso irrestrito dessa ferramenta. Escolhemos focar nossa pesquisa nos noticiários televisivos que hoje podem ser assistidos em computadores e celulares. Dentre essas fontes de informação disponíveis no mundo árabe e fora dele, é fundamental citar as mais importantes: *al Jazeera*³ (Qatar), *al Arabiyah*⁴ (Qatar), *BBC Arabic*⁵, *Sky News Arabia*⁶ (Reino Unido) e *al Mayadeen*⁷ (Líbano). É relevante destacar a credibilidade dessas redes de notícias e especialmente a *al Jazeera* e a *al Arabiyah* que ganharam notoriedade no mundo durante a guerra do Golfo em 1993 e o atentado de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos e a forma pela qual inovaram no mundo árabe com debates acalorados dando voz a mais de uma opinião. A TV *al Jazeera*, com mais de vinte anos, tem sido objeto de estudo como um organismo distinto no universo acadêmico. Isto se deve à sua dimensão nos países árabes e fora deles. Segundo Faris (FARIS, 2015),

Al Jazeera is nearly 20 years old and the recipient of sustained scholarly attention that almost constitutes its own separate

³ <http://www.aljazeera.net/portal>

⁴ <http://www.alarabiya.net/live-stream.html>

⁵ <http://www.bbc.com/arabic>

⁶ <http://www.skynewsarabia.com/web/livestream>

⁷ <http://www.almayadeen.net/live>

academic literature. [...] This is not to suggest that the satellite television is not an important object of inquiry, but rather that patterns of consumption and use of television are so markedly different from those of internet and mobile phones as to necessitate a separate inquiry.⁸

Segundo Oroujlou a língua falada na mídia é de significado real e uma importante fonte de informações sobre a sociedade e cultura daquela língua. Para ele a linguagem mediática reflete e molda o uso da língua assim como o comportamento no discurso de uma comunidade. Oroujlou não deixa de ressaltar que toda mídia é carregada de discurso e faz uma comparação muito clara, desses discursos, entre a *al Jazeera* e a rede de notícias americana CNN. Segundo Oroujlou (2012),

The data for this study is selected from two sources: 'Al Jazeera' & 'CNN', which are very different from each other. Al Jazeera, an Arabic network, is viewed by millions of people in all parts of the world. It is founded to cover the Arabic countries perspectives. So it is clear that this network will load the coverage of the news, on the one hand, to support the interests of the Arabic countries, and to raise the consciousness of the Arab and Muslim people to stop manipulation of their mind by the opposite networks, on the other hand. And CNN is an American network which is sent to millions of people in all parts of Europe, America, Africa, and Asia. As we know because of political and economical background, the domain of activity and coverage of this network is more widespread than Al Jazeera. It is a kind of network which competes with Al Jazeera especially

⁸ Al Jazeera tem quase 20 anos e é o recipiente de atenção acadêmica que quase chega a constituir uma literatura separada. [...] Isto não significa que o canal de TV satélite não é um importante objeto de estudo, mas devido às formas de acesso que diferem dos telefones celulares e internet. (tradução nossa)

in events related to Middle East with attachment to the interests of U.S.A.⁹

Oroujlou chama a atenção para essa política tendenciosa quando dá exemplos do léxico usado pela CNN para se referir ao Oriente Médio. Quando uma notícia do Iraque é exibida é fácil perceber a presença de palavras como ‘terroristas’, ‘franco-atiradores’, ‘sequestro’, ‘insurgentes’ ‘extremistas’, ‘rebeldes’, ‘decapitação’ etc. Por sua vez a *al Jazeera* usa palavras como ‘muçulmanos’, ‘líderes chiítas’, ‘líderes sunitas’, ‘órfãos’, ‘*mujahidins*’¹⁰, ‘iraquianos civis’, ‘soldados anti-ocupação’ etc. A CNN refere-se aos soldados americanos no Iraque como ‘pacificadores’, ‘veteranos’, ‘soldados feridos’, ‘heróis’, ‘colegas’ etc. Duas manchetes de um mesmo acontecimento podem ter interpretações completamente diferentes se observarmos: Na CNN – ‘Insurgentes matam 9 soldados americanos’, na *al Jazeera* – ‘9 soldados americanos mortos em combates em Bagdá’. Fica claro na manchete da TV *al Jazeera* que o verbo foi colocado na voz passiva para ofuscar o aspecto negativo da ação enquanto que a CNN retrata os soldados americanos como inocentes. Podemos imaginá-los até como combatentes que deixaram seus lares para defender os ideais de democracia e liberdade. Por sua vez, os iraquianos são retratados como bárbaros cruéis que matam americanos. Para Chomsky (1989), a mídia reflete a política e opinião pública do estado onde ela é operante.

Sabemos que o processo de implementação da internet nos países árabes não foi um processo fácil considerando o temor de regimes totalitários frente à ameaça do que essa forma de comunicação poderia causar. Pode-se até dizer que a onda de protestos que caracterizou a primavera árabe teve a mobilização

⁹ As informações para este estudo é escolhida de duas fontes. ‘AL Jazeera’ e ‘CNN’, que são bem diferentes. Al Jazeera, uma rede de notícias árabes é vista por milhares de pessoas em todas as partes do mundo. Tem como objetivo cobrir as perspectivas árabes. Logo, é natural que essa rede apoie os interesses árabes e aumente a consciência dos árabes e muçulmanos e detenha a manipulação oriunda de redes oponentes. A CNN é uma rede americana vista também por milhões em todo o mundo. Como sabemos, devido ao viés político e econômico, o domínio de cobertura e atividade é maior que o da AL Jazeera, especialmente com relação aos eventos do Oriente Médio com relação a interesses americanos. (tradução nossa)

¹⁰ Do verbo jahada (جَاهَدَ) que em árabe significa esforçar-se, trabalhar arduamente, logo podemos traduzir como vigoroso, esforçado.

nas redes sociais como força propulsora dessa parte da história. Nesse momento, e mais significativamente anterior a ele, quando alguns governos árabes tentavam; sem sucesso; limitar o acesso à internet, novas formas de burlar esses mecanismos tecnológicos surgiam e se desenvolviam para dar voz aos anseios populares. É ingênuo supor ou projetar um “Oriente Médio democratizado” – ao modelo ocidental, graças à internet e ao uso de mídias sociais. Na sucessão de eventos quase geograficamente traçados que começaram na Tunísia e prosseguiram desastrosamente para leste culminando com os conflitos atuais na Síria, a comunicação através de blogs e redes sócias responde por grande parte dessa dinâmica. Segundo Faris, (FARIS, 2015),

We are unlikely to witness widespread protest activities in the Middle East without a leading digital component. And because of the failure of the most Arab Spring uprisings to lead to genuine democratization, digital technologies are likely to remain the default mode of organizing and expression, even where states undertake sincere and sustained efforts to disrupt networks, erect information chokepoints, and imprison activists.¹¹

Com a chegada do século XXI o Oriente Médio; como um todo; ainda se manteve uma região caracterizada pelo totalitarismo onde a única ideia de democracia se fazia presente em Israel, não levando em conta os territórios ocupados. A Turquia era, e continua sendo, uma democracia em evolução. O Líbano é um híbrido de sectos religiosos, Síria, Líbia e Iraque são os resultados de regimes autocratas que com mãos de ferro controlavam; quando dispunham de uma unidade para tal; a mídia. A Arábia Saudita uma monarquia que aliada aos Estados Unidos por interesses econômicos, se coloca ainda mais atrás nesse cenário de impossibilidades de expressão. A TV al Jazeera foi

¹¹ Muito improvavelmente veremos a expansão de protestos no Oriente Médio sem a presença de um componente digital. E devido à falha da maioria dos levantes da primavera árabe em conduzir a uma genuína democratização (onde esses levantes ocorreram), provavelmente as tecnologias digitais vão permanecer como a única forma de expressão e organização, mesmo onde estados empenham-se em desconectar redes, cobrir pontos de informação e prender ativistas. (tradução nossa)

precursora nestas regiões de representar uma símbolo de dissidência no qual os cidadãos mais comuns tinham acesso.

Por sua vez, a rede de notícias *al Mayadeen* libanesa vem ganhando destaque nas transmissões jornalísticas, porém ocasionalmente é acusada de ser tendenciosa, fato esse que nos abstermos de comprovar. Assim como as outras redes de notícias pan-arabistas, a TV *al Mayadeen* fundada em 2012, fez uso de sua proximidade com a Síria para explorar uma zona de conflito e fez uso da cobertura dos conflitos naquela região para ganhar espaço no cenário do Oriente Médio e Norte da África. Tivemos a oportunidade de visitar a sede da TV *al Mayadeen* em Beirute em Fevereiro de 2016. Nosso principal interesse foi, em conversa com o Sr. Younes Farhat (diretor chefe de edição da TV *al Mayadeen*) nos certificarmos sobre o uso MSA (Modern Standard Arabic ¹²) usado na emissora. O Sr. Farhat nos informou que: “usamos o árabe padrão, pois nossa emissora é assistida agora desde o Marrocos até o Iraque, além da Europa e Américas”. O Sr. Farhat relatou que, diferentemente da TV *al Jazeera*, a TV *al Mayadeen* começou sua transmissão inicialmente somente no Líbano, logo não houve no começo a preocupação com o MSA usado nas transmissões, isto é, o idioma usado podia conter expressões do árabe local e coloquial. Com a aceitação e expansão da emissora em outros países, o Sr. Farhat nos disse que a emissora começou a receber *e-mails* em que telespectadores de países mais distantes do Líbano como o Marrocos, Argélia e Tunísia, reclamavam de palavras e expressões que não eram entendidas por eles. Na verdade, entendemos que não era esperada a expansão da emissora em outros países árabes, e mesmo que se tomarmos como fato que todos os países são árabes, a linguagem usada para essas transmissões na TV *al Mayadeen* teve que se adaptar a este processo. Ainda mais interessante, como nos relatou o Sr. Farhat, é a política da TV *al Mayadeen* que quando um falante de árabe vai ser entrevistado no estúdio, pede-se a ele que tente da forma mais possível não usar coloquialismos do seu país, pois ocasionalmente expressões ou palavras fora da esfera do MSA podem ser mal ou não compreendidas. É interessante notarmos que há uma relação muito direta entre

¹² Modern Standard Arabic é o árabe padrão usado na mídia que contém todos os elementos gramaticais do árabe literário mas sem carregar o preciosismo das obras literárias para poder ser mais acessível a todos os falantes do idioma

língua e mídia, isto é, não é possível haver uma independência da mídia com relação à língua, pois como instituição ela usa o idioma para fazer-se entendida. Por outro lado, embora saibamos que todo idioma é poroso, suscetível à transformações, o árabe até agora tem se mantido; fora das redes sociais; - imaculado e este fator se dá especialmente à luz de sua posição dentro do Islã, como língua litúrgica, e como um denominador comum em um espaço geográfico amplo em que as línguas coloquiais são tão diversas.

Figura 2 – Estúdio de transmissão da TV al Mayadeen em Beirute, Líbano (foto do autor)

Além disso, sempre há espaço para a polêmica no que se refere à presença de tendências ideológicas e políticas no jornalismo. Cabe ao leitor fazer sua escolha e a entender que a mídia é constituída por intelectuais com opiniões e valores próprios. Segundo Charaudeau (2013, p. 77),

Quando um escritor escreve um livro, um sábio faz uma explicação científica, um político faz um discurso, sabe-se a quem responsabilizar pelo que foi escrito ou dito (mesmo que muitos tenham colaborado para que se efetivasse a comunicação). Mas no que concerne às mídias, nunca se sabe realmente quem pode responder por uma informação, mesmo quando é assinada por um determinado jornalista, de tanto que os efeitos da instância midiática de produção transformam as intenções da instância de enunciação discursiva tomada isoladamente.

Com esse material tecnológico disponível, além de jornais, revistas e periódicos que compreendem o universo midiático é importante destacar qual o papel que a linguagem terá como condutora de informação e como o estudante pode traduzir essa linguagem em conhecimento. Aqui, quando nos referimos ao aluno, estamos trabalhando com um aluno de nível intermediário do idioma, já conhecedor de algumas regras gramaticais e apto a organizar de forma razoavelmente sistemática a lógica do árabe. Sabe-se que a mídia usa para transmissão de notícias uma linguagem capaz de se fazer entender por todos. Como dissemos anteriormente, as redes de notícias árabes usam o Arabic standard language, totalmente desprovido dos inerentes coloquialismos do árabe para a compreensão dos conteúdos em todos os países árabes. Entende-se que esta linguagem não deve ser de forma alguma científica. Segundo Charaudeau (2013, p. 77),

O discurso científico implica a seleção de um público muito reduzido, ultraespecializado, que possua os mesmos instrumentos de raciocínio, a mesma terminologia, e compartilhe os mesmos conhecimentos da comunidade específica em questão. Se o adotasse, a mídia excluiria um público amplo, mesmo que se dirigisse aos muitos cultos. Assim sendo, se o comentador organiza entrevistas e debates para tentar exibir em público opiniões, justificativas, explicações através da palavra de especialistas, isso não pode ser feito como num colóquio científico ou num laboratório de pesquisa; a palavra que é suscitada, provocada pela instância midiática, é uma palavra necessariamente vulgarizada, isto é, desprovida de tudo que se constitui sua especificidade, sua pertinência e, finalmente, sua validade.

Da mesma forma acredita-se que a universalidade de linguagem que o aluno recebe através da mídia torna-o mais integrado no meio que ele pretende se colocar como falante considerando a simplicidade e objetividade dessa linguagem. Segundo Charaudeau (2013, p 81),

A acessibilidade da informação baseia-se na hipótese de que o grau de compreensão de um discurso está ligado à simplicidade, à clareza com o qual o discurso é construído. Todas as escolas de jornalismo e os manuais de redação insistem nesse aspecto de escritura jornalística, aconselhando evitar uma retórica considerando muito escolar ou universitária.

Faz-se necessário destacar também a importância do receptor da informação considerando-o como um indivíduo provido de uma identidade cultural e inserido em um histórico social. Cabe aqui a pergunta: Como um estudante de árabe pode ser, ou colocar-se como um indivíduo receptor da estância de enunciação; ou fonte da mídia; e absolver essa informação tornando-a útil no seu aprendizado do idioma? Acreditamos não ser essa dinâmica um obstáculo

considerando que nas décadas de 60 e 70 as escolas de idiomas começaram a introduzir os laboratórios de áudio nos cursos, onde o aluno tinha apenas esse áudio para fazer suas inferências com os conteúdos recebidos durante as aulas. Sendo assim, entende-se aqui neste trabalho o estudante como um alvo intelectual e afetivo e não apenas um indivíduo que pertence a uma sociedade cultural já estabelecida. Para Charaudeau o receptor da notícia é chamado de “destinatário-alvo”. Segundo Charaudeau (2013, p. 70),

A instância de recepção é portadora de um “conjunto ‘impreciso’ de valores ético-sociais” e, acrescentemos, “afetivo-sociais”, os quais devem ser levados em conta pela instância midiática para poder apresentar uma informação mais ou menos de acordo com suas expectativas. A instância de recepção, enquanto à dupla finalidade do contrato de informação, pode ser, então abordada de duas maneiras: como alvo intelectual ou como alvo afetivo.

Entendemos que o estudante de árabe que faz uso das redes de notícias para ampliar seus conhecimentos é capaz de fazer suas escolhas e avaliar; com base nas fontes disponíveis; as matérias, programas, debates, entrevistas etc. que lhe interessam e lhe possam ser úteis. O interesse de um alvo intelectual é despertado, alimentado e construído. Nesse caso podemos classificá-lo como um alvo intelectual. Segundo Charaudeau (2013, p. 80),

O alvo intelectual é considerado capaz de avaliar seu interesse com relação àquilo que lhe é proposto, à credibilidade que confere ao organismo que informa, a sua própria aptidão para compreender a notícia, isto é, ter acesso a ela. Um alvo intelectual é um alvo ao qual se atribui a capacidade de pensar [...] O interesse atribuído a um sujeito, alvo da informação - interesse que pode ser despertado, alimentado ou saturado ao sabor da estratégia de descoberta, de suspense ou repetição (matracagem) - apoia-se na hipótese de que este fica

naturalmente motivado quando supõe que a informação que lhe é proposta será direta ou indiretamente útil para orientar sua conduta. Isso pode ocorrer em três domínios: o da organização da vida política e econômica do país, o da organização de atividades diversas (esportivas, religiosas, caritativas, de lazer etc.) das quais o sujeito pode participar fora de sua vida profissional, o das práticas cotidianas para as quais o sujeito necessita de informações de ordem factual: a lista de serviços de plantão, os diferentes anúncios (imobiliários, ofertas de emprego, manifestações culturais ou artísticas), as previsões meteorológicas, o anúncio de perturbações possíveis da vida diária (greves, desfiles, engarrafamentos etc.).

Igualmente, as instâncias de enunciação usam a emoção com o objetivo de atingir um número maior de leitores ou espectadores. Os furos jornalísticos, notícias extraordinárias; geralmente acompanhados de fundos musicais que chamam a atenção de espectador desatento; manchetes sobre tragédias (incêndios, quedas de aviões, atentados terroristas, falecimentos de personalidades etc.) têm como finalidade principal despertar a atenção do alvo afetivo. É fundamental que a instância de enunciação - fazendo uso da dramaticidade que a linguagem jornalística pode transmitir, conheça as crenças e baseando-se, ao mesmo tempo, nos apelos emocionais que prevalecem em cada comunidade sociocultural e no conhecimento dos universos de crenças que aí circulam - pois as emoções não são um inefável aleatório. Elas são socializadas, resultam de regulação coletiva das trocas. Essa regulação, por um lado, segue os movimentos da afetividade e, paralelamente, as representações que atribuem valores às condutas e às reações emocionais. Segundo Charaudeau (2013, p 82),

Um alvo afetivo é, diferentemente do precedente, aquele que se acredita não avaliar nada de maneira racional, mas sim de modo inconsciente através de reações de ordem emocional. Assim sendo, a instância constrói hipóteses sobre o que é mais apropriado para tocar a afetividade do sujeito alvo. Ela se

baseia, para isso, em categorias socialmente codificadas de representação das emoções tais como o inesperado que rompe com as rotinas, os hábitos, o previsível; o repetitivo, que parece proveniente de um espírito maligno, o qual insistiria em fazer com que se reproduzisse sistematicamente, patologicamente, os males do mundo, o insólito que transgride as normas sociais de comportamento dos seres vivendo numa coletividade que pretende ser racionalmente organizada; o inaudito que alcançaria o além, que nos faria entrar em comunhão com a dimensão do sagrado; o enorme, que nos transforma em demiurgos; o trágico, que aborda o destino impossível do homem, etc., a que correspondem, no tratamento da informação, estratégias discursivas de dramatização.

Se cada um de nós, como indivíduos, vivesse isoladamente e não houvesse a necessidade de troca numa sociedade organizada, certamente não haveria a informação. É com ela que nos relacionamos, ocupamos uma posição social, comentamos acontecimentos, e quando informamos exercemos poder sobre quem está sendo informado.

É pertinente lembrar que o professor, utilizando as fontes midiáticas no ensino de uma língua, deve trazer à consciência dos alunos a presença do discurso sublinear presente em toda matéria jornalística e não apenas utilizando-as como um recurso linguístico ou gramático. Desta forma, a imagem será de fundamental importância. Segundo Charaudeau, (op cit, 2013, p. 89),

[...] o meio mais eficaz de designação é a imagem que, no imaginário social, participa da ilusão do verismo, fazendo com que se tome aquilo que representa o objeto pelo próprio objeto; isso ocorre particularmente com a foto da imprensa ou com a linguagem televisiva, principalmente quando esta se reveste dos atrativos da transmissão direta.

Podemos concluir que a mídia é um meio de comunicação com uma linguagem única baseada essencialmente e um contexto social mutante. Também inferimos que a mídia, graças a esse contexto social dialoga com um receptor que por sua vez é responsável pela construção dessa linguagem, adaptada a ela para que haja inferência e aceitação.

2.3 Língua árabe

O polidiatelismo árabe é formado de um número imenso de vocábulos que tiveram origem no desenvolvimento de culturas na Mesopotâmia, Sudeste Asiático e Norte Africano. Podemos pensar nessas falas populares de um modo orgânico, entrelaçado, que remontam etnicamente à pré-história, caracterizando-se por milênios de contato cultural e social com culturas diversas. Os fatores geográficos não representaram obstáculos difíceis para tais interações que se deram de forma contínua à luz de movimentos de emigração e transumância comuns no Norte da África e sudeste Asiático.

Encontramos no árabe traços babilônicos, assírios, persas, vestígios hieroglíficos, hititas e cuneiformes, os rastros helênico, romano e turco. As culturas européias também tiveram seu papel graças às intervenções culturais e políticas durante o Império Romano, Cruzadas, e movimentos militares e religiosos durante o século XIX. Por sua vez al Assaoui contesta a visão de que o árabe tenha sofrido influências devido a diversos conflitos. Segundo al Assaoui (1996, p. 25),

صدمت اللغة العربية في وجه موجات طويلة الأجل من الغزو اتعسكري و المعرفي من الدول امجاورة التي لا ينطق أهلها العربية. كما أنها لم تستسلم كما فعلت مثيلتها من اللغة الأوروبية لتأثير الاحتلال و الارماء في أحضان الاستعمار فترات طويلة.

Acredita-se muito que o embasamento dessa unidade linguística deu-se muito pela oralidade das tribos da Península Árabe e principalmente pelo intercambio cultural. Segundo Safady (1991, p. 4),

A poesia popular e a clássica contribuíram para o enriquecimento desse conjunto de falas, salientando as tradições, descrevendo usos e costumes. Os provérbios e as máximas são repositório de inesgotável filosofia e crenças, que refletem toda uma espiritualidade tipicamente árabe. As canções populares expressam profundo lirismo e traduzem sentimentalidade, dando exemplos de quão afetiva e genial é a criação literária no Mundo Árabe.

Os primeiros estudiosos da língua árabe, especialmente chamados de “orientalistas” no final do século XVI encontraram dificuldades para estudar e principalmente esquematizar o idioma. Um número desses estudiosos optou por substituir o alfabeto árabe pelo latino na premência de facilitar o estudo da língua para os próximos pesquisadores. Eficaz ou não, essa adaptação ou reforma encontrou adeptos e opositores. Mais além, outra corrente de arabistas ou orientalistas sugeria o total abandono do árabe clássico pela adoção das escritas dos dialetos regionais. Podemos inferir que se tal reforma tivesse ocorrido, a tessitura do idioma que conhecemos hoje, tão uniforme e estruturada na literatura, poesia e linguagem midiática - objeto de nossa pesquisa, hoje não estaria presente. Dialetos de todas as regiões falados no espaço geográfico árabe que conhecemos se elevariam à categoria de língua, o marroquino, o egípcio, o iraquiano etc. Esse fato é conhecido entre as línguas européias no final da Idade Média quando do surgimento das nações no continente e seus respectivos idiomas que acabaram por banir o latim como língua de erudição. Por outro lado devemos lembrar que os dialetos árabes foram responsáveis pela formação da gramática e estrutura do idioma, sendo assim uma relação claramente binária. Segundo Taha, (1970, p. 15),

الحقيقة أن أثر اللهجات العربية في الأوزان لم يقتصر بحثها في كتب ابن جني وحده وإنما ورد ذلك في أغلب كتب الصرف و اللغة استطراداً في مواضع متعددة لا يجمعها جامع¹³

Hoje, para o estudante de árabe, a diferença entre o idioma falado em cada país e a língua escrita podem, se não forem bem entendidos e vistos como objetos de uma relação binária, embotar o interesse do aluno. É importante lembrar que não há no universo acadêmico árabe uma instituição responsável por estabelecer, por exemplo, uma reforma ortográfica ou gramatical. O árabe literário é considerado asséptico, incorruptível, apolíneo, e qualquer processo de mudança levaria muito tempo. Segundo Safady (1991, p. 70),

Ao se discutir mudanças da escrita árabe, deve-se recordar que esta língua é um inesgotável tesouro do passado, cujo cabedal não pode ser esquecido ou reescrito em novo sistema gráfico. Possui a língua árabe sons guturais, enfáticos, e aspirados, que não existem em outras línguas européias e para cuja simbolização não existem letras convencionais. As formas das citadas letras já se cristalizaram pelo uso. Se for preciso adaptar o alfabeto latino, tornar-se-á necessário criar letras não existentes nele, fato este que fará da substituição uma nova dificuldade a vencer.

Sabemos que o árabe é a língua oficial do Islã, e o Islã não é professado apenas nos países árabes. Caso uma reforma viesse a acontecer na academia dificilmente seria aceita pelos religiosos, pois o Alcorão segundo religiosos, deve ser lido em árabe e muitos não aceitam sua tradução temendo a perda de uma interpretação correta. Segundo Safadi (1991, p. 71),

¹³ A verdade que a influência dos dialetos árabes na gramática não está restrita aos livros de Ibn Jani, mas aparecendo na maioria dos livros de conjugação e da língua e se difundindo em assuntos diversos não reunidos completamente por um autor. (tradução nossa).

Deve-se levar em consideração que a ortografia árabe é essencialmente sintética, conservando dimensões diminutas as letras, nas respectivas grafias. Este processo sintético é um objetivo de grande efeito gráfico, sob o ponto de vista artístico e no que diz respeito à economia do espaço, tempo e do material usado.

O Alfabeto árabe:

Isolada	Inicial	Media	Final	Nome da letra
ا	ا	ا	ا	'alif
ب	ب	ب	ب	ba'
ت	ت	ت	ت	ta'
ث	ث	ث	ث	tha'
ج	ج	ج	ج	jim
ح	ح	ح	ح	ha'
خ	خ	خ	خ	kha'
د	د	د	د	dal
ذ	ذ	ذ	ذ	zal
ر	ر	ر	ر	ra'
ز	ز	ز	ز	zay
س	س	س	س	sin
ش	ش	ش	ش	chin
ص	ص	ص	ص	sad
ض	ض	ض	ض	dad
ط	ط	ط	ط	Ta'

ظ	ظ	ظ	ظ	Za'
ع	ع	ع	ع	'ain
غ	غ	غ	غ	gain
ف	ف	ف	ف	fa'
ق	ق	ق	ق	qaf
ك	ك	ك	ك	kaf
ل	ل	ل	ل	lam
م	م	م	م	mim
ن	ن	ن	ن	nun
ه	ه	ه	ه	há'
و	و	و	و	waw
ي	ي	ي	ي	ya

Figura 4 – O alfabeto árabe

O árabe se escreve da direita para a esquerda. Devemos começar uma letra sempre da direita para a esquerda e sempre de cima para baixo. Para facilitar o entendimento de como ligamos uma letra a outra em árabe optamos não seguir a ordem do alfabeto árabe acima mas sim pelas letras que depois delas não podemos ligar outras letras. Existem 3 vogais em árabe, chamadas vogais longas. São elas ا ('alif) que tem som de A, و (waw) que tem som de U e finalmente ي (ya) que tem som de I.

O د dal equivale ao “d” em português

Nossa primeira consoante é o د (dal) que tem som de D fraco. As vogais curtas em cima do dal são chamadas vogais curtas ou diacríticos. Vejamos: َ que sonoriza (dá, breve e curto) este sinal em cima do dal é chamado de *FáteHa*, ُ que sonoriza (Du, breve e curto) este sinal em cima do dal é chamado de

Dâma, ð que sonoriza (Di, breve e curto) este sinal em baixo do dal é chamado de *Kásara*.

O ر ra' equivale ao "r" vibrante em português, como em *porta*. Quando vem duplicado sempre mantém o som vibrante.

Vejamos:

Rá رَ "Veja!"

Ráá را

Rúú رو

Ríí ري

Ru رُ

Ríí ري

Ráá را

Rúú رو

Rí رِ

Rúú رو

Dáára دارَ

Acima temos o nosso primeiro verbo em árabe. O verbo em árabe não possui infinitivo, assim para objeto de estudo de conjugação o paradigma é sempre

masculino, singular e passado. Portanto دارَ significa “Ele deu a volta, rodou”.

Observamos que há uma *FáteHa* em cima do ra’ (رَ), e é nesta Fáteha que identificamos que o verbo é masculino, singular e passado, para diferenciar de دار que significa “residência”

Dúúrífِ دورِ (Pardal)

Dáára دارَ “Ele deu a volta, rodou”.

O ي (ya) no final de cada substantivo significa *meu, minha, meus, minhas*, portanto se temos دار + ي temos داري que significa “Minha residência”

Dáarífِ داري “Minha residência”

Portanto se temos داري دورِ دارَ podemos traduzir como “O pássaro deu a volta ou rodou minha casa.” Vale lembrar que em árabe o verbo antecede o sujeito.

O ز zai equivale ao “z” em português

Vejamos:

زَ za

زَا záá

زُو zúú

زِي zíí

zu زُ

zí زي

záá زا

zúú زو

zi زِ

zarad زَرَد (Corrente)

záára زَارَ (Visitou) Observamos aqui que há uma *FáteHa* em cima do رَ isto significa que o verbo está no passado, terceira pessoa do singular, masculino. Portanto زَارَ significa “ele visitou.”

Zááda زَادَ (Aumentou) Zúúzúu زوزو

Vejamos:

زوزو زَارَ Muito bem isto significa: “Zuzu visitou” (Zuzu é o apelido de *Ziad*, um nome masculino em árabe.) Podemos notar também que em árabe, o verbo antecede o sujeito.

O ذ dal equivale ao “th” do inglês em *this*.

Dza ذَ

Dzáá ذا

Dzáá ذا

Dzáá ذَا

Dzu ذُ

Dzúú ذُو

Dzúú ذُو

Dzúú ذُو

Dzí ذِي

Dzááda ذَادَ (Expulsou)

Dzúú ذُو (dono de)

Dzí ذِي

Dzardzara ذَرْزَرَ (Salpicou) Observamos aqui que há uma circulo sobre o ر , isto significa que devemos ler a consoante sem vogal curta. Vamos considerar a palavra “Carta” Temos K+A= Ka, temos T+A= ta, porém não temos uma vogal para o R. Muito bem, o ر em ذَرْزَرَ deve ser pronunciado como o R em “carta”.

Nossa próxima vogal longa é o و (waw) que corresponde em português à letra “u”. Lembrando que em árabe não existem as vogais “e” e “o”.

Vejamos:

Uá وَ que em árabe significa “e”

Uááui واوي (Raposa)

Uáádi وادي (Meu vale)

Uárd وَرْد (Rosas)

Uárádá وَرَدَ (Veio, chegou)

Dáur دَوْر (Vez, papel)

O ب ba' equivale ao "b" em português.

É importante lembrar que após o ب podemos unir a letra que vem em seguida, diferentemente das letras que analisamos anteriormente.

Vejamos:

Ba' بَ (É assim que escreve-se o ب no começo de uma palavra)

ba بْ (É assim que escreve-se o ب no meio de uma palavra)

ba بَ (É assim que escreve-se o ب no final de uma palavra)

zaraba زَرَبَ (Cercou, prendeu)

dzáába ذَابَ (derreteu, dissolveu)

uaraba وَرَبَ (equivocou-se)

darb دَرَبَ (Caminho)

barad بَرَدَ (Frio)

barada بَرَدَ (Ficou com frio)

badzara بَذَرَ (semeou)

baraza بَرَزَ (apareceu, destacou-se)

báába بَابَ (Trabalhou como porteiro, guarda)

ráába رَابَ (Engrossou)

báára بَارَ (Pereceu, morreu)

badr بَدْرَ (Lua cheia, um nome masculino. A grande Batalha de Badr aconteceu no 17º dia do mês de Ramadan, dois anos após a Hégira. Esta foi a primeira batalha em que os muçulmanos combateram os infiéis e é, até agora, a mais famosa e mais conhecida por causa dos diversos acontecimentos.

bááb بَابَ (Porta)

barada báábáá ua Rubi بَرَدَ بَابَا وَ رُوبِي (Papai e Rubi ficaram com frio)

Dááru Badr دَارُ بَدْرَ (A casa de *Badr*) Observamos aqui que há uma *Dâma* em cima do رُ. Esta *Dâma* diz de quem é a casa. Isto não é um possessivo como ي porém serve apenas para dizer de quem é casa ou indica a condição de uma frase nominal.

O ت ta' equivale ao "t" em português.

Esta letra ت طويلة (ت طويلة) ou "t longo" para diferenciar de um "t curto" que veremos mais para a frente. O ت nos ajudará a conjugar a terceira pessoa do feminino no singular, tanto no presente como no

passado. O ت no começo de um verbo indica que ela, ou algo no feminino faz a ação, e o ت com um "Sukun" em cima no final de um verbo indica que ela, ou algo no feminino fez a ação.

Ta ت (É assim que escreve-se o ت no começo de uma palavra)

Ta ت (É assim que escreve-se o ت no meio de uma palavra)

Ta ت (É assim que escreve-se o ت no final de uma palavra)

Bááta بات (passou a noite)

Táába تاب (arrependeu-se-se)

Uater وتر (Cordão, corda de instrumento)

Uatada وتد (Fixou, amarrou)

Rauat روت (Ela narrou, irrigou) Observamos aqui que temos um "Sukun" em cima do ر portanto o ر com um "Sukun" em cima, no final de um verbo indica que ela, ou algo no feminino fez a ação.

Rataba رتب (Organizou, arrumou)

Batara بتر (Cortou)

Rabata ربت (Acariciou)

Tut توت (Amora)

Barat بَرَتْ (Ela apontou, afiou) Observamos aqui que temos um “Sukun” em cima do ت portanto o ت com um "Sukun" em cima, no final de um verbo indica que ela, ou algo no feminino fez a ação.

Turááb تُرَابٌ (terra, pó)

Badat بَدَتْ (Ela apareceu ou algo no feminino apareceu)

Tazúúru تَزُورُ (Ela visita) do verbo زَارَ (Visitou) Observamos que o ت com uma *Fáteha* em cima no começo do verbo, juntamente com uma Dâma na última letra do verbo indica que é um verbo no feminino, terceira pessoa do singular, presente.

Tadúúru تَدُورُ (Ela roda)

O ت ta' equivale ao “th” do inglês em *thing* ou *think*.

A letra ت é pronunciada como “T” no árabe falado no Líbano, parte da Síria e Palestina.

Optamos aqui por transliterar o ت como “ç”

ت Ça

Ça تَ (É assim que escreve-se o ت no começo de uma palavra)

Ça تِ (É assim que escreve-se o ت no meio de uma palavra)

Ça تْ (É assim que escreve-se o ت no final de uma palavra)

Çáára ثَارَ (Ficou excitado, agitar-se)

Çarçáár ثَرْتَارَ (Falante, tagarela)

Taçúúru تَتَوْرُ (Ela agita, excita-se)

Çarada ثَرَدَ (Molhou o pão na sopa)

Çáába ثَابَ (Retornou, recuperou)

Çáábara ثَابَرَ (Persistiu)

Uaçaba وَثَبَ (Pulou)

Çarçara ثَرْتَرَ (Tagarelou)

Uariça وَرِثَ (Herdou) Na maioria das vezes, a kásara na segunda letra dentota a temporariedade do verbo.

Çabata ثَبَتَ (Fixou)

Daçara دَثَرَ (Tornou-se extinto)

Çáábir ثَابِرَ (Persistente) Pode também ser um nome masculino, geralmente transliterado “*Thaber*”.

Uaçaba çauru Zúúzúu وَثَبَ ثَوْرُ زَوْو (O touro do Zuzu pulou)

Çaubu Rabab ثَوْبُ رَابَابَ (A roupa da Rabab) *Rabab* é um nome masculino e feminino além de significar um instrumento da música árabe muito próximo ao violino.

Rúúrúú çarçáár ثَرْتَارَ رورو (O Ruru é tagarela, falante)

Çabata Dúúdúú ثَبَّتْ دودو (O Dudu fixou)

O ن nun equivale ao “n” em português.

na ن

na نَ (É assim que escreve-se o ن no começo de uma palavra)

na نْ (É assim que escreve-se o ن no meio de uma palavra)

na نَ (É assim que escreve-se o ن no final de uma palavra)

báána بَانَ (apareceu)

náár نَارَ (fogo)

nabata نَبَتَ (cresceu, germinou)

dááruna دارُنَا (nossa casa) Aqui, prezado alunos aprendemos o pronome possessivo *Nosso, Nossos, Nossa, Nossas*. Portanto, somente acrescentamos

o pronome نا no final de qualquer substantivo e daremos a posse *Nosso,*

Nossos, Nossa, Nossas a este substantivo.

dáána دَانَ (deveu algo a alguém)

núúr نُورَ (luz)

nadzara نَذَرَ (Jurou)

uarduna وَرْدُنَا (Nossa rosa) Acrescentamos o pronome نا no final de qualquer substantivo e daremos a posse *Nosso, Nossos, Nossa, Nossas* a este substantivo.

uazana وَزَنَ (pesou)

náába نَابَ (representou na política, ser um deputado)

náádir نَادِرَ (raro, também um nome próprio)

zand زَنْدَ (antebraço)

náábu náádir نَابُ نَادِرَ (o canino do Nadir)

zandu Nur زَنْدُ نُوْرَ (o antebraço do Nur)

dááruna ua uarduna دَارُنَا وَ وَرْدُنَا (nossa casa e nossas rosas)

danat dááru Rabááb دَنْتْ دَارُ رَبَابَ (aproximou-se a casa do (a) Rabab)

O ي ya' equivale ao "i" em português.

No Egito o ي é grafado sem os dois pontos embaixo, da seguinte forma: ى.

O ي nos ajudará a conjugar o verbo no masculino, singular, presente.

يا يَ

يا يَ (É assim que escreve-se o ي no começo de uma palavra)

ya —يَ (É assim que escreve-se o ي no meio de uma palavra)

ya —ي (É assim que escreve-se o ي no final de uma palavra)

dúúríf دورِي (pardal)

zífir زِير (jarro grande)

bayt بَيْت (casa)

yabny يَبْنِي (ele constrói) Observamos aqui que o ي no começo de um verbo indica que alguém ou algo no masculino é responsável pela ação do verbo.

Para escrevermos ela constrói usamos o ت no início do verbo, ex: تَبْنِي

nááy ناي (flauta)

zaytúún زَيْتُون (oliva)

zabyb زَبِيب (uva-passa)

náády نادي (clube)

yády يَدِي (minha mão) Notamos aqui que a palavra يَد significa mão. Se acrescentarmos o ي no final de qualquer substantivo ele dará posse ao mesmo. Portanto o ي significa no final de um substantivo ele significa *meu, minha, meus, minhas*.

yabry يَبْرِي (ele aponta, afia) Observamos aqui que o ي no começo de um verbo indica que alguém ou algo no masculino é responsável pela ação do verbo. Para escrevermos ela aponta, ela afia usamos o ت no início do verbo,

ex: تَبْرِي

tyn تين (figo)

yarúúy يَرْوِي (ele narra, ele irriga) Observamos aqui que o ي no começo de um verbo indica que alguém ou algo no masculino é responsável pela ação do verbo. Para escrevermos ela narra, ela irriga, usamos o ت no início do

verbo, ex: تَرْوِي

bayna بَيْنَ (entre - preposição)

dááru Dáány bayna dááry ua baita yazyd دارُ داني بَيْنَ داري وَ بَيْتِ يَزِيد (A casa de Dani é entre a minha casa e a casa do Yazyd)

záára Uááuuuy baita dyb زَارَ واوي بَيْتِ ديب (a raposa visitou a casa do urso.)

yabnii Zyad bayty يَبْنِي زِيَاد بَيْتِي (Zyiad constrói a minha casa).

O ج jin equivale ao “j” em português.

Em países do norte da África como o Egito, Líbia, e Argélia o ج é pronunciado como “gue”. Também no Sultanato de Omã o ج é pronunciado como “gue”. Obedeceremos aqui a pronúncia dos países do Levante que usa o “J” como pronuncia para o ج.

ja ج

ja ج (É assim que escreve-se o ج no começo de uma palavra)

ja جـ (É assim que escreve-se o ج no meio de uma palavra)

ja جـ (É assim que escreve-se o ج no final de uma palavra)

rāja راج (circulou, espalhou)

jáda جاد (Improvisar, melhorar)

najara نجر (trabalhou na madeira ou fez algo de madeira)

taj تاج (coroa)

O ح é um “h” muito aspirado. Na pronúncia, a parte de trás da língua aproxima-se da garganta.

ha' ح

ha' ح (É assim que escreve-se o ح no começo de uma palavra)

ha' ح (É assim que escreve-se o ح no meio de uma palavra)

ha' ح (É assim que escreve-se o ح no final de uma palavra)

raha راح (partiu, foi embora)

hazira حذر (foi cuidadoso, tomou cuidado)

nahata نحت (esculpiu)

janaha جنب (inclinou)

janah جَنَاح (asa)

jaraha جَرَحَ (feriu)

jurh جُرْح (ferimento)

hadaça حَدَثَ (aconteceu)

rabiha رَبِحَ (ganhou, teve lucro)

hijab حِجَاب (véu)

baha بَاَحَ (ficou conhecido)

nabaha نَبَحَ (latiu)

bahr بَحْر (mar)

O خ é semelhante ao “j” do espanhol, como em jábon, ou ao “ch” do alemão em nacht. Similar ao som do ronco.

ha' خ

ha' خ (É assim que escreve-se o خ no começo de uma palavra)

ha' خ (É assim que escreve-se o خ no meio de uma palavra)

ha' خ (É assim que escreve-se o خ no final de uma palavra)

habaza خَبَزَ (assou – massa de pão)

rabaha رَبَخَ (relaxou)

nahaba نَخَبَ (elegueu)

daha دَاخَ (ficou tonto)

nahara نَخَرَ (roncou)

haraja خَرَجَ (saiu)

hauh خَوْخَ (ameixa)

hazana خَزَنَ (estocou)

hubz خُبْزَ (pão)

duhan دُخَانَ (fumaça)

hinjar خِنْجَرَ (adaga)

buhar بُخَارَ (vapor, incenso)

hyar خِيَارَ (pepino)

O ع é um som faríngeo sonoro

عَ (É assim que escreve-se o ع no começo de uma palavra)

عَ (É assim que escreve-se o ع no meio de uma palavra)

عَ (É assim que escreve-se o ع no final de uma palavra)

zara' زَرَعَ (plantou)

'da عَادَ (voltou)

ba'da بَعُدَ (distanciou-se)

raja' رَجَعَ (retornou)

dir' دِرْعَ (armadura)

ra'd رَعْدَ (trovão)

ta'b تَعَبَ (cansaço)

nab' نَبَعَ (fonte de água)

bara' بَرَعَ (ficou proficiente)

'raja عَرَجَ (Andou com dificuldade, cambaleou)

ba'ça بَعَثَ (emitiu, divulgou, exalou)

taba' تَبَعَ (seguiu)

zira' ذِرَاعَ (braço)

jiz' جَذَعَ (tronco)

'nab عَنَبَ (uva)

'yn عَيْنَ (olho)

'ud عَوْدَ (alaúde)

راعي *ra'y* (pastor)

جَرَعَ *jara'* (engoliu)

O غ é semelhante ao “r” do francês em agréable e ao som do gargarejo

غ (É assim que escreve-se o غ no começo de uma palavra)

غ (É assim que escreve-se o غ no meio de uma palavra)

غ (É assim que escreve-se o غ no final de uma palavra)

زاغ *zaga* (desviou-se)

غاب *gaba* (ausentou-se)

بَغَت *bagata* (surpreendeu)

دَبَغَ *dabaga* (bronzou-se)

بَزَغَ *bazaga* (apareceu, surgiu)

غُرُوب *gurub* (pôr-do-sol)

ثَغَر *çagr* (boca)

نَبَغَ *nabaga* (tornou-se um gênio)

بُرْغُوث *burgut* (pulga)

غُرَاب *gurab* (corvo)

gubar غُبَار (pó, poeira)

gab غَاب (floresta)

gadir غَدِير (riacho)

gargara غَرَّغَرَ (gargarejou)

baragi بَرَاغِي (parafusos)

O س equivale ao “s” em português como em sala, sapato, etc.

سَ (É assim que escreve-se س no começo de uma palavra)

سَّ (É que escreve-se س no meio de uma palavra)

سْ (É assim que escreve-se س no final de uma palavra)

dasa دَاسَ (pisou)

sara سَارَ (andou)

hasira خَسِرَ (perdeu)

'basa عَبَسَ (franziu a testa)

darasa دَرَسَ (estudou)

habasa حَبَسَ (prende, pôs na cadeia)

sasa سَاسَ (governou)

sarj سَرْج (sela)

jisr جِسْر (ponte)

na'sa نَعَسَ (ficoucom sono)

darasa دَرَسَ (estudou)

nasr نَسْر (águia)

sabaha سَبَحَ (nadou)

sarir سَرِير (cama)

siwar سِوَار (pulseira)

narjis نَرْجِس (narciso – bot.)

O ش equivale ao “ch” em português

— ش (É assim que escreve-se ش no começo de uma palavra)

— ش (É assim que escreve-se ش no meio de uma palavra)

ش (É assim que escreve-se ش no final de uma palavra)

jarasa جَرَشَ (moeu)

saba شَابَ (o cabelo ficou branco, ele envelheceu)

habas حَبَشَ (galo)

‘sa عاش (viveu)

sariba شَرِبَ (bebeu)

sajar شَجَر (ávore)

sari' شارع (rua)

sa'r شَعْر (cabelo)

hasab خَشَب (madeira)

O ص é som enfático, próximo ao س, mas pronunciado mais atrás na boca com a língua para cima.

— (É assim que escreve-se o ص no começo de uma palavra)

— (É assim que escreve-se o ص no meio de uma palavra)

— (É assim que escreve-se o ص no final de uma palavra)

harisa حَرَصَ (desejou)

saha صَاح (gritou, clamou)

hasada حَصَدَ (colheu)

rahusa رَخَصَ (barateou)

sabara صَبَرَ (foi paciente, teve paciência)

sara صَارَ (aconteceu, tornou-se)

nasara نَصَرَ (ajudou)

nasaba نَصَبَ (ergueu, ficou ereto)

gasa غَاصَ (mergulhou)

sana صَانَ (preservou)

'sara عَصَرَ (espremeu)

habasa خَبَسَ (misturou)

sarsur صُرِّصُورَ (barata)

saruh صاروخ (foguete)

sanaubr صَنَوْبَر (pinholi, pinhão)

'sir عَصِير (Suco)

hisn حِصَان (cavalo)

saraha صَرَخَ (berrou)

sada صَادَ (pescar, caçou)

gusun غُصِنَ (galho)

sa'da صَعَدَ (subiu, escalou)

hasad حَصَاد (colheita)

O ض é som enfático, próximo ao ذ, mas pronunciado com a ponta da língua na parte alta dos dentes dianteiros.

ض (É assim que escreve-se o ض no começo de uma palavra)

ض (É assim que escreve-se o ض no meio de uma palavra)

ض (É assim que escreve-se o ض no final de uma palavra)

bada باضَ (pôs ovos)

da' ضاعَ (perdeu, perdeu-se)

hada' حَضَعَ (abraçou)

radi' رَضِعَ (mamou)

rada راضَ (habituou-se)

daraba ضَرَبَ (bateu)

nabada نَبَضَ (pulsou)

radi' رَضِيَ (ficou satisfeito)

wada' وَضَعَ (colocou)

gadiba غَضِبَ (ficou nervoso)

rabada رَبَضَ (ajoelhou)

dabu' ضَبُع (hiena)

dirs ضِرْس (molar)

baid بَيْض (ovos)

hudar خُضَر (verduras)

darir ضَرِير (cego)

O ف equivale ao “f” em português.

— ف (É assim que escreve-se ف no começo de uma palavra)

— ف (É assim que escreve-se ف no meio de uma palavra)

— ف (É assim que escreve-se ف no final de uma palavra)

jarafa جَرَفَ (varreu)

faza فَازَ (ganhou)

hafa خَافَ (temeu)

wasafa وَصَفَ (descreveu)

'rafa عَرَفَ (soube, conheceu)

faha فَاحَ (exalou)

nasafa نَسَفَ (explodiu)

firas فِرَاش (cama)

suf صُوف (lã)

ragif رَغِيف (pão)

'sfur عُصْفُور (passarinho)

fustan فُسْتَان (vestido)

hafara حَفَرَ (cavou)

fanus فَنُوس (lâmparina)

'zafa عَزَفَ (tocou um instrumento musical)

finjan فِنْجَان (xícara)

difda' ضِفْدَع (sapo)

fataha فَتَحَ (abriu)

haruf حَرُوف (carneiro)

banafsaj بَنْفَسَج (violeta – bot.)

faras فَرَس (cavalo ou égua)

O ط é som enfático, próximo ao ت, mas pronunciado com a ponta da língua na parte alta dos dentes dianteiros, com a ponta para fora dos dentes. Não é aspirado.

ط (É assim que escreve-se ط no começo de uma palavra)

ط (É assim que escreve-se ط no meio de uma palavra)

ط (É assim que escreve-se ط no final de uma palavra)

taraha طَرَحَ (arremeçou, lançou, subtraiu)

tara طَارَ (voou)

hatarā خَطَرَ (ocorreu)

rabata رَبَطَ (amarrou)

hata خَاطَ (costurou)

tabaha طَبَخَ (cozinhou)

nataha نَطَحَ (chifrou)

basata بَسَطَ (espalhou)

taba' طَبَعَ (imprimiu)

'ticha عَطِشَ (teve sede)

dabata ضَبَطَ (apanhou, agarrou)

watwatu وَطَاطَ (morcego)

tub طُوبَ (tijolos)

charit شَرِيطَ (fita)

taba' طَابَع (selo)

tabib طَبِيب (médico)

hayt خَيْط (Linha)

tuyur طُيُور (pássaros)

tauus طَاوُوس (pavão)

O ظ é som enfático, próximo ao ذ, cuja pronuncia assemelha-se ao “th” em *father*.

—ظ (É assim escreve-se o ظ no começo de uma palavra)

—ظ (É assim escreve-se o ظ no meio de uma palavra)

—ظ (É assim escreve-se o ظ no fim de uma palavra)

gaza غَاظَ (ficou com raiva, ficou furioso)

zarufa ظَرُفَ (ficou ou foi elegante, espirituoso)

nazara نَظَرَ (olhou)

hafiza حَفِظَ (guardou, preservou, memorizou)

hafaza حَافَظَ (manteve, cuidou)

zafira ظَفِرَ (ganhou, foi vitorioso)

hazara حَظَرَ (baniu, proibiu)

wa'za وَعَظَ (pregou, preconizou)

nazara نَظَرَ (foi igual, equivalente)

wazaba وَاضَبَ (perseverou, persistiu)

zarf ظَرْفَ (envelope)

zabi ظَبْيَ (antílope)

zafr ظَفْرَ (unha)

O ق é pronunciado na parte de trás da garganta e assemelha-se ao “k”. similar à pronúncia do “c” em *colcha*.

ق (É assim que escreve-se ق no começo de uma palavra)

ق (É assim que escreve-se ق no meio de uma palavra)

ق (É assim que escreve-se ق no fim de uma palavra)

taraqa طَرَقَ (martelou)

qada قَادَ (dirigiu, guiou, conduziu)

'qada عَقَدَ (amarrou, deu nó, concluiu, sediou)

sabaqa سَبَقَ (precedeu)

'riqa عَرِقَ (suou, destilou)

qara' قَرَعَ (bateu, tocou)

naqasa نَقَصَ (diminuiu)

rafaqa رَافَقَ (associou-se a/à)

haraqqa حَرَقَ (queimou)

haqada حَقَدَ (odiou)

nataqa نَطَقَ (pronunciou)

qina' قِنَاعَ (máscara)

buq بوق (trompete, clarim)

sanduq صُنْدُوقَ (caixa)

'qid عَقْدَ (colar)

zawraq زَوْرَقَ (barco)

waqa' وَقَعَ (caiu, situou-se)

sibaq سَبَاقَ (competição)

qazafa قَذَفَ (arremeçou)

faqir فَاقِرَ (pobre)

barq بَرَقَ (relâmpago)

saqr صَقْر (falcão)

qird قِرْد (macaco)

fustuq فُسْتُق (amendoim)

qitar قِطَار (trem)

O ك equivale ao “c” de casa em português

— ك (É assim que escreve-se o ك no começo de uma palavra)

— ك (É assim que escreve-se o ك no meio de uma palavra)

— ك (É assim que escreve-se o ك no fim de uma palavra)

taraka تَرَكَ (deixou, partiu, abandonou)

kataba كَتَبَ (escreveu)

sakata سَكَتَ (calou-se)

chabaka شَبَكَ (entrelaçou)

charaka شَارَكَ (participou)

rakiba رَكِبَ (montou um animal, cavalo, jumento, camelo etc)

chakara شَكَرَ (agradeceu)

dahika ضَحِكَ (riu, deu risada)

faraka فَرَكَ (esfregou)

kabura كَبُرَ (cresceu)

sakaba سَكَبَ (derramou água, serviu uma bebida)

fataka فَتَكَ (assassinou, erradicou)

kitab كِتَاب (livro)

sukut سُكُوت (silêncio)

kasara كَسَرَ (quebrou)

dyk دِيكَ (galo)

chawkat شَوَكَات (garfos)

sakakin سَكَكِينَ (facas)

baka بَكَى (chorou)

kuh كُوخ (cabana)

O ل equivale ao “l” do português

لا Este é o *Lam-alef*, a junção do ل mais o ا e lê-se “la”. Significa uma das palavras “não” em árabe.

— (É assim que escreve-se o ل no começo de uma palavra)

ـل (É assim que escreve-se o ل no meio de uma palavra)

ـل (É assim que escreve-se o ل no fim de uma palavra)

nazala نَزَلَ (desceu, hospedou-se)

lana لَانَ (tornou-se suave)

razama رَزَمَ (empacotou)

hasala حَصَلَ (aconteceu e seguido da preposição عَلَى significa obteve, ganhou)

sala سَالَ (fluiu)

mariha مَرَحَ (divertiu-se)

labisa لَبَسَ (vestiu)

salaqa سَلَقَ (ferveu, cozinhou em água fervendo)

fasala فَصَلَ (dividiu, desconectou)

qala قَالَ (disse)

la'ba لَاعَبَ (brinou com)

tala' طَلَعَ (levantou, apareceu)

lahaza لَاحَظَ (observou, prestou atenção)

lihaf لِحَافٍ (um tipo de cobertura para cama geralmente feito em casa)

sandal صَنْدَلٍ (sandália)

ça'lab تَغْلَب (raposa)

gasala غَسَلَ (lavou)

lisan لِسَان (língua)

layl لَيْل (noite)

burtuqal بُرْتُقَال (laranja)

fyl فَيْل (elefante)

walad وَلَد (menino)

balah بَلَح (tâmara *in natura*)

gazal غَزَال (gazela macho)

habl حَبْل (corda)

tifl طِفْل (infante, criança)

basal بَصَل (cebola)

haql حَقْل (campo)

O م equivale ao “m” do português

—م (É assim que escreve-se o م no começo de uma palavra)

—م— (É assim que escreve-se o م no meio de uma palavra)

—م (É assim que escreve-se o م no fim de uma palavra)

hadama خَدَمَ (serviu, atendeu, trabalhou para)

hamala حَمَلَ (carregou, transportou)

hatama خَتَمَ (selou)

marida مَرَضَ (adoeceu)

samaha سَمَحَ (permitiu, autorizou, sancionou)

'*lima* عَلِمَ (soube, discerniu, percebeu - geralmente acompanhado da preposição ب)

qadima قَدِمَ (veio, chegou, retornou)

masaha مَسَحَ (poliu, limpou, apagou)

chamala شَمَلَ (inclui, compreendeu)

salima سَلِمَ (escapou ileso, esteve são e salvo)

miftah مِفْتَاح (chave)

nimr نَمِر (tigre)

hatem خَاتِم (anel)

minchar مِئْشَار (serrote)

matar مَطَر (chuva)

mi'taf مِعْطَف (capa)

mal'ab مَلْعَب (playground, campo de futebol)

mawz مَوْز (banana)

myzan مِيزَان (balança, escala)

micht مِشْط (pente)

tamatim طَمَاطِم (tomates)

nujum نُجُوم (estrelas)

himar حِمَار (burro, asno)

ta'am طَعَام (alimento)

kaman كَمَان (violino)

jamal جَمَل (camelo)

matbah مَطْبَخ (Cozinha)

barmil بَرْمِيل (barril)

micmich مِشْمِش (damasco - fruta)

dimachq دِمَشَق (Damasco - capital da Síria)

cham الشَّام (cidade de Damasco no árabe coloquial, antiga denominação à região da Síria, Líbano, Iraque, Palestina e Jordânia)

O ه é aspirado e pronuncia-se como *house* em inglês

—ه (É assim que escreve-se ه no começo de uma palavra)

—ه— (É assim que escreve-se ه no meio de uma palavra)

—ه (É assim que escreve-se ه no fim de uma palavra)

haraba هَرَبَ (fugiu)

qahara قَهَرَ (conquistou, venceu)

al qahira القاهرة (Cairo - capital do Egito)

chabaha شَابَهَ (pareceu)

wa'da وَعَدَ (prometeu)

hatala هَطَلَ (choveu)

wahaba وَهَبَ (doou)

hudhud هُدُود (poupa, gênero de pássaros tenuirrostri)

sahm سَهْمَ (flecha)

zuhur زُهور (flores)

zahr ظَهَرَ (costas)

haram هَرَمَ (pirâmide)

nahr نَهْر (rio)

wajh وَجْه (face, rosto)

fahd فَهْد (leopardo)

muhr مُهْر (potro)

hatif هَاتِف (telefone, número de telefone)

Podemos dizer que o alfabeto apresentado acima é comum para todos os países de língua árabe. Há também um conjunto de dialetos falados em um espaço geográfico que compreende o Norte da África, a Península Arábica e o Levante. Todos esses dialetos formam uma unidade linguística de um mecanismo derivativo muito peculiar. O chamado árabe clássico - língua litúrgica do Islã.

Sempre existiram influências entre o árabe clássico (Alcorão) e as falas regionais. O clássico é um modelo de pureza linguística, é a língua literária e das ciências, empregando-se na mídia, livros etc.

2.4 A identidade árabe

Devemos pensar no Oriente, amiúde, como uma invenção européia. Geograficamente a definição de Oriente é mais imprecisa e seria ousado, e quem sabe até leviano, definir suas fronteiras. Ele foi desde a antiguidade um lugar de romance, seres exóticos, de memória e paisagens obsessivas, de experiências notáveis. O Oriente não apenas está adjacente à Europa. Podemos dizer também que nele se localizam as maiores e mais antigas colônias européias, a fonte de suas civilizações e línguas, seu concorrente cultural e uma das mais profundas e recorrentes imagens do Outro. Desse

ponto podemos então pensar que a identidade árabe se forma através da visão do outro ou daquilo que tomamos como real.

Muitos se preocupam com o verdadeiro sentido da palavra árabe, e aqui neste trabalho, é importante tentarmos entender seu significado. Podemos de uma forma geral dizer que o árabe é o indivíduo que habita a Península Arábica, o Levante e o Norte da África. Essa região em questão deve ser entendida como uma unidade geografia e que possui um idioma comum onde povos professam religiões que se baseiam entre si sobre o mesmo fundo místico. Atualmente o termo árabe ocupa um lugar de destaque na mídia, dado a conflitos sucessivos e quem sabe a interesses que insistem em deturpar o significado da palavra. Termos como “semita”, “muçulmano”, “sunita”, “xiita” e até mesmo “terrorista” remetem-nos a um labirinto de mitos e suposições errôneas que não nos ajudam de forma alguma a tentar ingenuamente classificar a palavra árabe. Os termos, como os humanos, têm duração. Há alguns anos, por exemplo, a palavra “xiita” era sinônimo de radical, extremista e até terrorista. Hoje, por exemplo, com as sucessivas incursões do estado islâmico em grandes áreas do Iraque e da Síria, o termo perde o sentido petrificado e abre campo para outras interpretações distorcidas. Não podemos de forma alguma nos esquecer dos desastrosos efeitos e más definições da palavra em apreço. A Idade Média foi um campo fecundo para as inovações que nos legaram um número de conceitos sobre esse respeito. Naquela época o Islã foi visto como um inimigo do Cristianismo e por que não dizer que essa animosidade não serviu; intencionalmente ou não, para alicerçar a religião cristã como um modelo de retidão a ser seguido? Podemos afirmar que – espaço geográfico e história dão as matizes ao termo em estudo.

A língua árabe é sem dúvida o ponto mais importante que amalgama as características da identidade árabe. Podemos entendê-la como um conjunto dialetal que forma uma unidade linguística. Os fatores geográficos não foram obstáculos para que a interação dos dialetos fosse contínua. As poesias popular e clássica transmitidas de forma oral contribuíram para o enriquecimento desses conjuntos de falas salientando as tradições e descrevendo os costumes. Com a expansão islâmica nos séculos VII e VIII o árabe se difundiu sem encontrar obstáculos, pois todos os países circundantes

possuíam falas afins. Semelhanças idiomáticas facilitaram a aproximação social e espiritual entre os muçulmanos, e povos conquistados que serviram de base para a formação do Califado ou Império Islâmico, num vasto âmbito social e territorial. O alcorão, compilado com o surgimento do Islã, visou à interpretação e legislação da vida social e forneceu um panorama do pensamento e do espírito da época. O alcorão em árabe é o fator de união de todos os muçulmanos de língua árabe e outras línguas. Na surata da abelha, versículo 103 lemos: *وَلَقَدْ نَعْلَمُ أَنَّهُمْ يَقُولُونَ أَتَمَّا يَعْلَمُهُ بِشَرِّ لِسَانٍ الَّذِي يَلْحَدُونَ إِلَيْهِ أَعْجَمَىٰ وَ هَذَا لِسَانٌ عَرَبِيٌّ مُبِينٌ* (Sabemos o que eles dizem: Somente um mortal o ensina, a língua a quem eles se referem é de um estrangeiro e isto é árabe puro.) Na surata de José, versículo 2 lemos: *إِنَّا أَنْزَلْنَاهُ قُرْآنًا عَرَبِيًّا لَعَلَّكُمْ تَعْقِلُونَ* (Certamente nós o revelamos - um alcorão árabe talvez vocês entendam).

Igualmente importante temos a peregrinação à Meca para a integração dos povos e a troca cultural dos árabes - que certamente foi um dos fatores determinantes na construção de características comuns entre eles. Como sabemos, a peregrinação é um dos pilares do Islã e obrigatória àqueles que possuem condições de saúde e financeira para tal. Na surata da peregrinação, versículo 27 lemos: *وَأَذِّنْ فِي النَّاسِ بِالْحَجِّ يَأْتُوكَ رِجَالًا وَعَلَىٰ كُلِّ ضَامِرٍ يَأْتِينَ مِنْ كُلِّ فَجٍّ عَنِيقٍ* (E proclame aos homens a peregrinação, eles virão até ti a pé ou sobre um camelo magro, vindo de trilhas distantes.) A peregrinação é tanto uma celebração coletiva quanto uma experiência pessoal, o ápice da vida de um muçulmano. A peregrinação ou Hajj foi um tema central na literatura árabe conhecida como *رحلة* (*Rihla* - viagem). Os relatos da *Rihla* informaram e entreteram leitores desde a Idade Média com descrições minuciosas das cidades, regiões exóticas e códigos locais presenciados nas viagens para e de Meca. Para melhor entendermos a *Rihla* e sua importância na formação da identidade árabe analisaremos Ibn Jubair que assim como Ibn Batuta, nos dá um panorama desse gênero literário. Jubair nasce em Granada, Espanha no ano de 1145 e serve como primeiro secretário do governador muçulmano na segunda metade do século XII. Jubair era cortesão, poeta e estudioso. Em agosto de 1183 Jubair chega à cidade de Jedá para então continuar sua viagem à Meca: (JUBAIR, 1996, p. 47,48)

و جدة هذه قرية على ساحل البحر المذكور أكثر بيوتها أخصاص، و فيها فنادق مبنية بالحجارة و الطين و في أعلاها بيوت من الأخصاص كالغرف، و لها سطوح يستراح فيها بالليل من أذى الحرّ. و بهذه القرية آثار قديمة تدلّ على أنها كانت مدينة قديمة، و أثر سورها المحقق بها باق إلى اليوم. و بها موضع فيه قبة مشيدة عتيقة يذكر أنه منزل حواء أم البشر، صلى الله عليها، عند توجهها إلى مكة، فبني ذلك المبنى عليه تشهيراً لبركته و فضله، و الله أعلم بذلك. و فيها مسجد مبارك منسوب إلى عمر بن الخطاب، رضي الله عنه، و مسجد آخر له ساريتان من خشب الأبنوي ينسب أيضاً إليه، رضي الله عنه، و منهم من ينسب إلى هارون الرشيد، رحمة الله عليه. و أكثر سكان هذه البلدة مع ما يليها من الصحراء و الجبال أشراف علويون حسنيون و حسينيون و جعفرون، رضي الله عن سلفهم الكريم. و هم من شطف العيش بحال يتصدّع له الجمد إشفافاً، و يستخدمون أنفسهم في كل مهنة من المهن من إكراء جمال إن كانت لهم أو مبيع لبن أو ماء إلى غير ذلك من تمر يلتقطونه أو حطب يحتطبونه و ربما تناول ذلك نساءهم الشرقيات بأنفسهن فسبحان المقدر لما شاء. و لا شك أنهم أهل البيت إرتضى الله لهم الآخر و لم يرتض لهم الدنيا. جعلنا الله ممن يدين بحبّ أهل البيت الذين عنهم الرجس و طهرهم تكهيراً. و بخارج هذه البلدة مصانع قديمة تدلّ على قدم أخطاطها و يذكر أنها كانت من مدن الفرس و بها جباب منقورة في الحجر الصلّد يتصل بعضها ببعض تفوت الإحصاء كثرة و هي داخل البلد و خارجه، ختى أنهم يزعمون أن التي خارج البلد ثلاث مئة و ستون جباً و مثل ذلك داخل البلد. و عايّنا نحن جملة كثيرة لا يأخذها الإحصاء. و عجائب الموضوعات كثيرة فسبحان المحيط علماً بها¹⁴

¹⁴ E Jedá, esta cidade na costa do mar acima mencionado com a maioria das casas como barracas e hospedarias construídas de pedra e barro e no topo delas mais barracas como cavernas e lajes onde a noite se descansa do pior calor. E nessa cidade há ruínas que indicam que ela é uma cidade antiga e restos da murada cercada até hoje. Há um local onde uma cúpula construída que indica a casa de Eva, a mãe do homem, que a paz de Deus esteja com ela. Quando de sua ida à Meca foi construído aquele edifício que reconhece sua benção e favor e Deus sabe disso. E em Jedá há uma mesquita sagrada para Omar Bin Khatab, Deus esteja satisfeito com ele e outra mesquita com duas colunas de ébano também para Omar Bin Khatab, Deus esteja satisfeito com ele e para Harun Al Rachid, que a misericórdia de Deus esteja com ele. E a maioria de seus habitantes e os que vivem no deserto e montanhas próximas são distintos Alawitas – Hassanitas, Hussainitas e Jaafaritas, Deus esteja satisfeito com seus antepassados generosos. E pertencem a uma vida difícil e se empregam em todo tipo de trabalho, alugando camelos quando os têm, vendendo água e leite, além de vender as tâmaras que apanham e a lenha. E suas honoráveis mulheres... Glória ao Poderoso naquilo que ele desejar. E não há dúvidas que eles são da família do profeta, Deus está satisfeito com eles, terão a outra vida e não a deste mundo. Deus nos fez daqueles que estão em débito com o amor da família do profeta, tirou deles a sujeira e os purificou. E fora da vila há reservatórios de água antigos que indicam quão velho é seu planejamento. Esses reservatórios eram dos persas, e neles há poços cravados nas pedras que se interligam, incontáveis fora e dentro da vila. Segundo alguns moradores há trezentos e sessenta fora da cidade e vimos muitos deles. Muitas maravilhas e glória a Deus do universo que tudo sabe. (tradução nossa).

Percebemos como o texto nos ilustra com algumas características árabes que nos ajudam a identificá-las atualmente. O comércio exercido pelos locais, o aluguel de montarias para transporte e a religiosidade representada pelos antepassados do profeta Maomé. Mais adiante, o autor descreve os ritos obrigatórios durante a peregrinação à Meca. A peregrinação ou *Hajj* tornou possível o intercâmbio cultural entre os falantes de vários dialetos árabes dando assim forma a caracteres comuns entre os povos. Vale lembrar no século XII que a peregrinação era um empreendimento perigoso. A região do Hijaz; que compreende o sul da cidade de Damasco estendendo-se até a cidade de Jedá na costa do Mar Vermelho; era considerado o último e mais perigoso território a ser percorrido pelos peregrinos antes de chegarem à Meca. Nele havia toda sorte de atravessadores, aventureiros, ladrões, mercenários e foragidos. O texto que veremos a seguir é o primeiro ritual a ser seguido pelo peregrino em Meca descrito por Jubair: (1996, p. 120),

و في يوم السبت التاسع عشر منه، و الثالث لغيرير، صعدنا لمشاهدة المناسك المعظمة بها و لمعاينة منزل أكثرنا فيها أعداداً لمقام بها أيام التشريف، إن شاء الله، فألفينا تملأ النفوس بهجةً و انشراحاً، مدينة الآثار، واسعة الاختطاط، عتيقة الوضع، قد درست إلى منازل يسيرة متخذة للنزول تحف بجانبى طريق كأنه ميدان انبساطاً و انفساحاً، ممتد الطول. فأول ما يلقي المتوجه إليها عن يساره، و بمقاربة منها، مسجد البيعة المباركة، التي كانت أول مسجد في الاسلام، عقدها العباس، وضي الله عنه، للنبي، صلى الله عليه و سلم، على الأنصار، حسب المشهور من ذلك. ثم يُفضى منه إلى جمرة العقبة، و هي أول منى للمتوجه من مكة و عن يسار المار إليها، و هي على قارة الطريق مرتفعة للمتراكم من حصى الجمرات¹⁵

¹⁵ No sábado, dia dezenove do Hajj, três de fevereiro, subimos à Mina para apreciar os rituais grandiosos e para apreciar as muitas casas de alojamento durante os dias das cerimônias se Deus permitir. Percebemos que elas (as cerimônias) completam os humores com alegria e alívio. A cidade é grandiosa nos vestígios, largamente planejada, antiga na localização. Suas casas foram transformadas em hospedagens pequenas ao longo do caminho que mais à frente se expande e se alonga. A caminho de Mina, o visitante primeiro encontra o templo sagrado, aquele que foi o primeiro do Islã. Os Abássidas o deram a forma abobadada, Deus fique satisfeito com o profeta, que as bênçãos e misericórdia de Deus estejam com ele, e com os que colaboram, de acordo com o que é conhecido. Depois se dirige ao apedrejamento do demônio que se localiza no começo de Mina para que segue à Meca, e no meio do caminho elevado onde se colhem as pedras para o apedrejamento do demônio. (tradução nossa)

Para os peregrinos o *Hajj* é considerado como uma chance de se arrepender. O ritual do jamarat (termo para “carvão ardendo”); rito que faz parte da peregrinação até hoje; representa o apedrejamento do demônio e a negação do pecado e da tentação. As religiões monoteístas são quase sempre identificadas nas personagens de gêneros literários árabes. Embora difiram em dogmas como a unidade de um só Deus no Islã e a santíssima trindade no Cristianismo, essas religiões necessitam do reconhecimento dos profetas, e especialmente no Islã essa questão é fundamental.

Outro autor que podemos destacar é Abu Hayian El Tauhidi. Quando o Império Islâmico se expandiu e as tradições religiosas surgiram naquela forma de governo, a literatura, a ciência e a forma de pensar tomaram outra dimensão e nelas surgiram duas formas de atividades culturais: Círculos de ciência em mesquitas, e fora delas, e reuniões literárias com a presença de califas, vizires e notáveis. Nessas reuniões, vários assuntos eram discutidos e no final ouviam-se as poesias escritas pelo poeta da corte. Outros temas como a jurisprudência, gramática, astronomia e até mesmo as qualidades de cavalos árabes e tipos de aves de rapina eram colocados em pauta. Acredita-se que Tauhidi nasceu em Bagdá no ano 932 AD e morreu em Shiraz em 1023 AD, durante a Dinastia Abássida. Seu nome completo era Ali bin al Abas el Tauhidi. Tauhidi era o nome de um tipo de tâmara que sua família comercializava. Sua infância foi difícil, e durante sua vida tentou escapar da quase total miséria sem registro de qualquer sucesso financeiro. Sua franqueza, língua afiada e a inconformidade com seus contemporâneos que se moldavam à forma do Califado Abássida o levaram mais rápido à total ruína e isolamento. O Califado Abássida foi tumultuado, califas foram assassinados, jovens inexperientes assumiam o poder enquanto a fome e as epidemias se alastravam. Por outro lado, o Califado Abássida trouxe grandes poetas, letrados, pensadores e tradutores.

Tauhidi exerceu ofícios como copiador de livros, porteiro noturno em caravancerais, vendedor de tâmaras, porém teve a sorte - ou má sorte de ser aceito em reuniões literárias noturnas, onde em muitas das quais, o vizir Ibn Saadan estava presente. Por sua eloquência, Tauhidi ganhou a simpatia de vizires que o agraciavam com pequenas quantias de dinheiro. Novamente sua

língua afiada não o continha de desprezar aquelas quantias e finalmente Tauhidi foi proibido de freqüentar as reuniões literárias. Inconformado, Tauhidi redige الإمّاع و الموائسة (*Al Imtáa wa el Muánassat* - Prazeres e sociabilidade) onde expressou sua profunda inconformidade com a sociedade da época. Temendo uma ação hostil por parte do califado, sua própria família fazia questão em execrá-lo publicamente quando certa vez ele disse: أأرب الغرباء من صار غربياً في وطنه (*Ághrab el ghurbá man sár gharib fi utánihi* - O mais estranho dos estranhos quem se torna estranho em sua própria terra.) Derrotado, humilhado e na miséria Tauhidi se revolta ainda mais e queima todos os seus escritos - que julgava importantes. Tal atitude foi uma reação para punir a sociedade que pudesse vir se deleitar com seus escritos e os letrados que o haviam proibido de freqüentar as reuniões.

Certa vez, quando ainda era aceito nos encontros noturnos, o tema discutido foi o limite da saciação. Possivelmente pela vida de privação que Tauhidi viveu, o assunto muito despertou sua atenção. Com muito sarcasmo Tauhidi descreveu os limites da saciação considerando relatos; verdadeiros ou não; de personagens distintas. Segundo Tauhidi, o limite da saciação seria definido pelas condições geográficas em que a personagem vivera, sua classe social e sua doutrina religiosa. Tais variantes nos fazem pensar que um tema que pode até parecer cômico; mas que possui uma universalidade - pois a saciação é uma forma de prazer inerente ao humano; é construído em cima de condições diferentes e sendo assim normas morais serão relativizadas. Vamos observar nas personagens de Tauhidi tais como o Sufi, o beduíno, o avarento, o marinheiro entre outras, como a identidade árabe se expressa: (BADAWI, 2008, p. 247, 248 e 249),

و قيل لصوفي ما حدّ الشبع فقال ما نشط على أداء الفرائض و تثبّط عن إقامة النوافل.

و قيل لمتكلم ما حدّ الشبع فقال حدّه أن يجلب النوم و يضجر القوم و يبعث على اللوم.

و قيل لطفيلي ما حدّ الشبع فقال أن يؤكل على أنه آخر الزاد و يؤتي على الجُل و الدق.

و قيل لأعرابي ما حدّ الشبع فقال أما عندكم يا حاضرة فلا أدري و أما عندنا في البادية فما وجدت العين و امتدّت إليه اليد و دار عليه الضرسّ و أساغه الحلق و انتفخ به البطن و استردات عليه الحوايا و استغاثت منه المعدة و تفوست منه الأضلاع و التوت عليه المصارين و خيف منه الموت

و قيل لطبيب ما حدّ الشبع فقال ما عد الطبيعة و حفظ المزاج و أبقي شهوة لما بعد و قيل لحمال ما حدّ الشبع فقال أن تأكل ما رأيت يعشر يديك غير عائف و لا متعرّز و لا كاره و لا متعرّز

و قيل لملاح ما حدّ الشبع فقال حدّ السكر قيل فما حدّ السكر؟ قال ألا تعرف السماء من الأرض و لا الطول من الأرض و لا النافلة من الفرض، من شدة النهس و الكسر و القطع و القرص قيل له فإنّ السكر محرّم فلم جعلت الشبع مثله؟ قال صدقتم، هما سكران أحد السكرين موصوف بالغيب و الخصار و الآخر معروف بالسكينة و الوقار. قيل له ما تخاف الهیضة؟ قال إنّما تصيب الهیضة من لا يسمي الله عند أكله و لا يشكر على النعمة فيه فأما من ذكر الله و شكره فإنّه يهضم و يستمرئ و يقرم إلى الزيادة

و قيل لبخيل ما حدّ الشبع فقال الشبع حرام كله. و إنّما أحلّ الله من الأكل ما نفى الخوى و سكن الصداع و أمسك الرمق و حال بين الإنسان و بين المرح و هل هلك الناس في الدين و الدنيا إلا بالشبع و التخلّع و البطنة و الاحتشاء. و الله لو كان للناس إمام لوكل بكل عشرة منهم من يحفظ عليهم عادة الصحة و حالة العدالة و حتى يزول التعدي و يفسو الخير

و قيل لجندي ما حدّ الشبع فقال ما شدّ العضد و أحمى الظهر و أدرّ الوريد و زاد في الشجاعة

و قيل لراهد ما حدّ الشبع فقال ما لم يحل بينك و بين صوم النهار و قيام الليل و إذا شكّا إليك جائع عرفت صدقة لأحاساسك به

و قيل لمدنيّ ما حدّ الشبع فقال لا عهد لي به فكيف أصف ما لا أعرف؟

و قيل ليمنيّ ما حدّ الشبع فقال أن يحشى حتى يُخشى

و قيل لتركّي ما حدّ الشبع فقال أن تأكل حتى تدنو من الموت

و قيل لسمرقنديّ ما حدّ الشبع فقال إذا جحظت عينك و بكم لسنانك و ثقلت حركتك و ارجحنّ بدنك و زال عقلك في أوائل الشبع قيل له إذا كان هذا أوّله فما آخره؟ أن تنشقّ نصفين

و قيل لهندي ما حدّ الشَّبْعُ فقال المسألة عن هذا كالمُحال لأنّ الشَّبْعَ من الأرز النفيّ الأبيض الكبار الحبّ المطبوخ باللبن الحليب المعروف على الجام البلّور المدود بالسكر القائق مخالف للشَّبْع من السمك المملوح و خبز الذرة و على هذا يختلف الأمر في الشَّبْع فقليل له فدفع هذا إلى متى ينبغي أن يأكل الإنسان؟ فقال إلى أن يقع له أن خرجت روحه ذهبت إلى النار.

و قيل لمُكار ما حدّ الشَّبْع فقال والله ما أدري و لكن أحبّ أن أكل ما مشى حمار من المنزل إلى المنزل.

و قيل لجمال ما حدّ الشَّبْع فقال أنا أوصل الأكل فما أعرف الحدّ و لو كنت أنتهي لو صفت الحال فيه أعني أنّي ساعة ألت الدقيق و ساعة أملّ الملة و ساعة أترد و ساعة أكل و ساعة أشرب لبن اللقاح فليس لي فراغ فأدري أنّي بلغت من الشَّبْع إلا أنّي أعلم في الجملة أنّ الجوع عذاب و أنّ الأكل رحمة و أنّ الرحمة كلّما كانت أكثر كان العبد إلى الله أقرب و الله عنه أرضى¹⁶

¹⁶ Foi perguntado ao Sufi: qual o limite da saciação? Ele respondeu: O que te incita às orações obrigatórias e te desvia das não obrigatórias.

Foi perguntado ao estudioso: qual o limite da saciação? Ele respondeu: Seu limite é o que traz o sono, atrapalha o levantar e espalha a culpa.

Foi perguntado ao parasita: qual o limite da saciação? Ele respondeu: Quando se come até o fim, e quando se é servido do muito e do pouco.

Foi perguntado ao beduíno: qual o limite da saciação? Ele respondeu: Em vocês não sei qual o limite, mas em nós, no deserto é o que a vista encontra, e até aonde a mão se estende, e o que envolve o molar, e o que a garganta engole facilmente, e o que incha a barriga, e o que os intestinos envolvem, e pede por socorro o estômago, e faz curvar as costelas, e o que as vísceras embrulham e o que a morte teme.

Foi perguntado ao médico: qual o limite da saciação? Ele respondeu: O que é equivalente ao natural, e mantém o humor, e guarda o desejo para mais.

Foi perguntado ao carregador: qual o limite da saciação? Ele respondeu: Não é odioso o que se come no que se vê nos dez dedos da mão.

Foi perguntado ao marinheiro: qual o limite da saciação? Ele respondeu: O limite da bebedeira... Qual o limite da bebedeira? Disse: quando você não sabe a diferença entre o céu e a terra, e o comprimento da terra, não diferencia a oração obrigatória da que não é obrigatória, não vê a diferença entre as mordidas. E perguntaram ao marinheiro: A bebedeira é pecado e você não faz da saciação um pecado também? Eu vos falei a verdade respondeu o marinheiro. As duas são uma bebedeira. Uma é descrita pela vergonha e pelas perdas e a outra é conhecida pela calma e pela sedação. E perguntaram ao marinheiro: Você não teme a cólera? A cólera assola quem não cita o nome de Deus das refeições e não agradece suas bênçãos. Quem se lembra do nome de Deus e o agradece, digere e saboreia o alimento e deseja mais.

Foi perguntado ao avarento qual o limite da saciação? Ele respondeu: A saciação como todo é pecado. Porém Deus permite a comida que o estômago vazio aceita, que alivia a dor de cabeça, que se agarra ao último sopro de vida. Deus entrevistou entre o que é humano e o que é diversão. Será que a saciação não é responsável pela destruição do homem na religião e no mundano? Juro! Se houvesse um imã para autorizar o homem o que seus dez dedos podem pegar! E aqueles que observam o hábito da saúde! E a moderação! As agressões desapareceriam e o bem se espalharia!

Foi perguntado ao janízaro: qual o limite da saciação? Ele respondeu: O que te fortalece os braços e protege suas costas e faz suas veias fluírem com sangue e aumenta sua coragem.

Foi perguntado ao ascético: qual o limite da saciação? Ele respondeu: Enquanto o limite não intervir entre você e o jejum diurno e o levantar para a oração à noite... E se um faminto chegar até você conhecerá a sinceridade dele nos seus sentimentos por ele.

Foi perguntado ao urbano: qual o limite da saciação? Ele respondeu: Não tenho conhecimento sobre isso então como posso falar de algo que não conheço?

Podemos perceber claramente que cada um das personagens acima traz consigo uma visão da saciação baseada em sua experiência de vida. Para o beduíno, por exemplo, o limite da saciação se dá naquilo que ele consegue obter vivendo em um ambiente hostil e onde o alimento é por hora escasso. Para o janízaro a saciação é importante para que ele acumule forças e para o cameleiro o alimento é obtido através do animal que ele cria. O cameleiro, como podemos observar, pode ser originário de alguma região do Houran entre a Jordânia e a Síria considerando como ele diz “eu” (Áni). Juntamente com esses elementos; que podemos classificar como parte de uma paisagem árabe que estamos acostumados a identificar; temos também o samarqandi, o indiano e o turco. Fica claro aqui que a região; onde as personagens relatam sua visão sobre a saciação; sofria influência de outras culturas. Essa mescla de tradições, conhecimentos, técnicas, habilidades, línguas e comportamentos ajuda a construir elementos distintos dentro de outras identidades.

O terceiro autor que veremos é Ala El Aswani. Nascido no Egito em 1957, Aswani formou-se em odontologia, mas muito se interessou por literatura. Aswani começou escrevendo críticas literárias em jornais egípcios como o *Al Sha'aab*, depois tornou-se responsável pelo caderno literário do jornal *Al Arab al Nasser*. Seu livro *O Edifício Yakobian* é uma crítica irônica sobre a

Foi perguntado ao iemenita: qual o limite da saciação? Ele respondeu: Quando se enche a barriga até a morte temer.

Foi perguntado ao otomano: qual o limite da saciação? Ele respondeu: Quando você come até se aproximar da morte.

Foi perguntado ao samarqandi: qual o limite da saciação? Ele respondeu: Se seus olhos esbugalharem, e sua língua silenciar, e seus movimentos se tornarem pesados, e seu ventre balançar, e seu juízo desaparecer... Aí sim você está no começo da saciação. E foi perguntado ao samarqandi: Se esse é o começo da saciação qual é o final dela? Ele respondeu: Se você se partir ao meio.

Foi perguntado ao indiano: qual o limite da saciação? Ele respondeu: Essa é uma questão impossível, porque a saciação do arroz puro, branco, de semente grande, cozido na coalhada, misturado com açúcar de alta qualidade e colocado em uma aljofaina de cristal é diferente da saciação do peixe salgado e pão de milho. E ele foi perguntado: Então coloque até onde o homem deve comer? Ele respondeu: Se ele perceber que seu espírito deixou seu corpo e foi ao inferno.

Foi perguntado ao muleteiro: qual o limite da saciação? Ele respondeu: Juro! Não sei, mas gosto de comer o que anda meu burro de casa em casa.

Foi perguntado ao cameleiro: qual o limite da saciação? Ele respondeu: Eu como, mas não conheço o limite e vou comendo e não paro, logo não sei descrever o limite. O que sei é que ora misturo a farinha e a manteiga ora acendo a lenha para o pão e ora abebero o pão na coalhada e ora bebo o leite da camela gorda. Paro de comer somente quando atinjo a saciação. Sei apenas que no todo a fome é um tormento, e o alimento é misericórdia. E quanto maior a misericórdia mais próximo de Deus o servo estará e Deus do servo estará satisfeito. (tradução nossa)

sociedade em uma Cairo caótica. Zaki Bey El Dessouki é a personagem a qual analisaremos e que pode nos dar uma idéia de um cidadão árabe no Egito de hoje: (AL ASSUANI, 2003, p. 11, 12)

إنه الابن الأصغر لعبد العال باشا الدسوقي، القطب
الزفدي المعروف، الذي تولت الوزارة أكثر من مرة و كان من كبار الأثرياء قبل
الثورة إذ كان يملك و أسرته ما يزيد عن خمسة آلاف فدان الأطنان الزراعية و قد
تعلم زكي الهندسة في جامعة باريس في فرنسا و كان متوقفاً بطبيعة الحال أن يلعب
دوراً سياسياً بارزاً في مصر بواسطة نفوذ أبيه و ثروته لكن الثورة قامت فجأة
فتغير الحال فتم القبض على عبد العال باشا و تقديمه لمحكمة الثورة و لم تثبت عليه
تهمة الفساد السياسي و أن ظلّ رهن الاعتقال فترة و انتزعت معظم أملاكه ليوزعها
الإصلاح الزراعي على الفلاحين. و لم يلبث الباشا أن مات متأثراً بما جرى و
تركت نكبة الأب وقعها على الابن فلم يلبث مكتبه الهندسي الذي افتتحه في عمارة
يعقوبيان أن باء الفشل و تحول مع الأيام إلى مكان يقضي فيه زكي وقت فراغه
اليومي حيث يقرأ الجرائد و يحتسي القهوة و يلقي أصدقاؤه و عشيقاته أو يقضي في
شرفته الساعات يتأمل المارة و السيارات في شارع سليمان باشا... على أن
الإخفاف الذي لقيه المهندس زكي الدسوقي في حياته العملية لا يرجع فقط إلى قيام
الثورة. و إنما يرجع في الأساس إلى فتور همته و تهافته على اللذة. و الخق أن
حياته التي امتدت خمسة و ستين عاماً إلى الآن، بكل أحداثها و مفارقاتها السعيدة و
المؤلمة على السواء تتمحور غالباً حول كلمة واحدة... المرأة¹⁷

Fica evidente nessa breve descrição de Al Assuani; sobre a personagem de Zaki al Dussuki; como a revolução em 1952 afetou psicologicamente a personalidade das famílias abastadas do Egito naquela época. Zaki; sempre desfrutando da influência política de seu pai; não foi capaz, mesmo tendo estudado na França de exercer sua profissão com sucesso. Embora

¹⁷ Ele é o filho mais novo de Abd El Al Bacha Al Dussuki, o magnata wafadita conhecido que foi indicado ao ministério da agricultura mais de uma vez e foi um dos grandes milionários antes da revolução. Possuía com sua família o que excedia a cinco mil acres de terras cultivadas. Zaki estudou engenharia em Paris e naturalmente esperava-se que ele tivesse um papel político importante no Egito devido à influência de seu pai e sua fortuna, mas logo chegou à revolução e transformou o cenário do Egito. Abd El Al Bacha Al Dussuki foi preso e levado ao tribunal da revolução. Não foi provado seu envolvimento no golpe, mas devido à fiança que se prolongou, seus bens foram confiscados e posteriormente doados à reforma agrária. Desgostoso com todos esses acontecimentos Abd El Al Bacha Al Dussuki veio a falecer, deixando Zaki muito abatido. Seu escritório de engenharia no Edifício Yakobian não demorou a fechar e transformou-se com o passar dos dias em um lugar onde Zaki passava todo o seu tempo lendo os jornais, tomando café, recebendo amigos e amantes ou sentado à varanda contemplando o movimento de pedestres e automóveis na Rua Suleiman Bachá. O fracasso vivido pelo engenheiro Zaki Al Dussuki não se restringe apenas a sua vida profissional na época da revolução. Dos seus 65 anos vividos até agora; com acontecimentos ora felizes ora não; tudo se resume em apenas uma palavra: - a mulher. (tradução nossa)

financeiramente não sendo capaz de manter os prazeres do período pré-revolucionário, Zaki tenta manter seu modo de vida pré-revolução. Sua personagem no livro é caracterizada pelo prazer que sente pelo sexo com todo tipo de mulher e a constante preocupação em parecer jovem e viril. Vemos então uma personagem que se entregava a prazeres ocidentais como o álcool, as constantes noitadas com mulheres em boates onde a música francesa era mais apreciada do que a “estrela do oriente” Om Kalthum. Sendo assim, o Edifício Yakobian faz a representação de Zaki como um cidadão caiota que sofre influências de um modo de vida que estaria; pelas características encontradas na personagem; mais próximo a um filme italiano ou francês dos anos 50 e 60.

CONCLUSÕES:

- Não podemos tomar como única uma identidade árabe estereotipada.
- As várias identidades árabes são fruto de espaços geográficos, influências externas e acontecimentos políticos.
- Romances, poemas, estudos sobre a cultura muçulmana, relatos de viagens sobre o Oriente exerceram um fascínio na Europa que acabaram por ajudar a formação de um Oriente mais acadêmico do que geográfico.
- Sem dúvida o Islã é sempre representado em todas as identidades e dá diferentes matizes a nossa percepção na formação dessas identidades.

3. Procedimentos de pesquisa e resultados obtidos

Este capítulo visa explicar onde as aulas onde foram aplicadas, qual o material usado nas aulas, características principais dos alunos e como as aulas estão sendo aplicadas.

- Local das aulas:

As aulas foram e estão sendo ministradas na Escola Fisk situada à Rua Maestro Cardim 1307, Bela Vista, São Paulo, SP, às segundas e quartas no horário das 18h00minhs às 21h00minhhs com 15 (quinze minutos) de intervalo. Originalmente a escola ministrava apenas aulas de Inglês e Espanhol, posteriormente em julho de 2013 inauguramos o curso de árabe. Acreditamos que hoje apenas a unidade da Rua Maestro Cardim oferece o curso de árabe. A escola possui amplas instalações e a sala onde as aulas são administradas conta com uma lousa interativa onde podemos ter acesso aos principais sites de notícias árabes como a *Al Jazeera* (<http://aljazeera.net/broadcastschedule>), *Al Arabiya* (<http://www.alarabiya.net/live-stream.html>) e a Skynews Arábia (<http://www.skynewsarabia.com/web/home?view=live>). Vale lembrar que hoje apenas a *Al Jazeera* possui um segmento para alunos que estudam o idioma árabe no qual falaremos mais tarde no decorrer deste capítulo.

- Material usado:

As duas principais referências bibliográficas de apoio utilizadas pelos alunos são ALAA ELGIBALI & NEVENKA KORICA, *Media Arabic - A coursebook for reading Arabic News*, Cairo: The American University in Cairo Press, 2007, e EL MUSTAPHA LAHLALI, *Advanced Media Arabic*, Washington: Georgetown University Press, 2008 além de dois dicionários: BAALBAKI, Ruhi. *Al Mawrid*. Beirute: Dar el-Ilm Lilmalayin, 1997 e WEHR, Hans. *The Dictionary of Modern Written Arabic*. Wiesbaden, Alemanha: J.M. Cowan 1994. Também são oferecidos aos alunos artigos de jornais árabes digitados especialmente para eles por mim, pois os jornais não disponibilizam para estudantes do idioma os diacríticos que facilitam a leitura. Devemos entender no atual nível; que podemos chamar de “intermediário”; os alunos ainda não possuem a desenvoltura necessária para ler todos os vocábulos sem os diacríticos logo optamos por transcrever cada texto do *Media Arabic* para um documento do Word inserindo os diacríticos em cada palavra. De uma forma resumida se observarmos as palavras كَتَبَ (*kataba*) que significa “ele escreveu” e é o equivalente ao verbo “escrever” no infinitivo (apesar do árabe não possuir esse

tempo verbal) e كُتُب (kutub) que significa “livros”, ambas são apresentas no Media Arabic na forma: كِتَب (ktb) que pode obviamente; no atual estágio de estudo; dificultar a leitura e pronúncia da palavra pelo aluno mais do que seu entendimento da palavra em si, pois ele já tem interiorizado um número considerável do léxico árabe.

A hipótese da pesquisa, que propõe que a língua midiática (MAS) pode ajudar no processo de ensino-aprendizagem da língua árabe, por convergir o árabe clássico e o coloquial em uma nova forma padronizada de entendimento universal, foi embasada, não apenas por leituras de autores que tratam do assunto, mas também por dados empíricos.

Estes dados, que ajudaram a sustentar a hipótese, foram obtidos e sistematizados em sala de aula de curso de língua árabe. Primeiramente, a prática do ensino da língua, quando passamos a usar materiais midiáticos, como reportagens de jornal impresso e TV, levou-nos a observar resultados mais efetivos alcançados pelos alunos. Antes do uso destes materiais, os alunos foram, de certa forma, convencidos a escolher entre o árabe clássico ou o coloquial, tendo diante de si praticamente duas línguas distintas. Com a introdução de material midiático, esta dualidade problemática foi resolvida de forma satisfatória, já que o aluno aprende a falar e a escrever ao mesmo tempo.

Contudo, durante esses anos de experiência com o ensino de língua árabe com uso material midiático, não tínhamos a intenção de comprovar uma hipótese ou sustentar algum argumento, de modo que as observações não foram metódicas e sistemáticas, mas, de certa forma, espontâneas.

- Características principais dos alunos:

O perfil e faixa etária dos alunos de árabe hoje são muito variados. Optamos por não trabalhar com crianças, pois nosso objetivo principal é usar textos de mídia. Aqueles que vêm à escola hoje para aprender o idioma alegam uma identificação e um apreço pela cultura, e de certa forma a vêem por uma ótica

um pouco envolta em um exotismo que o idioma pode sugerir, mas que no decorrer das aulas tende a se desfazer quando começam a perceber que o idioma possui suas regras e complexidades próprias, e acabam por exigir do aluno um entendimento mais estrutural do que místico. Há também os alunos que vêem no idioma a possibilidade de um enriquecimento no campo profissional, a possibilidade de emprego em países do Golfo, os que têm ascendência sírio-libanesa e que por motivos diversos querem resgatar o idioma dos pais, avós e bisavós e até mesmo aqueles que visitaram países árabes. Existem também os que se engajaram em ações humanitárias, ONGs, graduandos em Direito e Política Internacional, história, geografia, engenheiros, médicos, dentistas, arquitetos e professores de idiomas. Os alunos, em geral têm de 20 (vinte) a 40 (quarenta anos) e temos dois alunos, de ascendência sírio-libanesa, com mais de 70 (setenta anos).

Por esta razão, tivemos que empreender novas observações empíricas, agora de forma sistemática. Isto foi feito por meio de um curso de língua árabe oferecido no Instituto Bibliaspa, entre Agosto de 2016 e Novembro de 2016, na Escola Fisk Paraíso entre Janeiro de 2016 e Outubro de 2016, além de aulas particulares em lugares distintos de São Paulo.

O curso consistiu de 32 aulas de 1 hora cada e foi oferecido para uma turma de alunos de nível intermediário, ou seja, uma classe relativamente homogênea, composta de 3 alunos a 4 alunos.

Antes das aulas, os alunos ainda traziam aquela inquietação gerada pela dualidade entre a língua clássica e coloquial, demonstrando certo desconforto gerado por uma necessária escolha.

A proposta do curso, então, foi a de inserir materiais midiáticos como forma de equalizar esta dualidade, na medida em que a mídia se utiliza de uma linguagem padronizada, pela qual o aluno pode aprender a escrever e a falar ao mesmo tempo; a ler, entender e discutir oralmente uma notícia, além de expressar sua opinião sobre diversos temas.

- Didática das aulas:

Devemos ressaltar que aqui vamos focar nos alunos já alfabetizados em árabe e que já possuem um conhecimento embasado das regras gramaticais mais importantes: artigos, pronomes pessoais e possessivos, conjugação de verbos etc. Obviamente, os alunos podem recorrer em dúvidas e erros quanto a essas regras, mas não serão o foco principal das aulas, pois o objetivo principal é fazê-los interagir com a linguagem da mídia.

Além disso, espera-se oferecer nesse curso a metodologia que possa ajudar o estudante a esquematizar seus estudos mesmo posteriormente ao término das aulas. Isto é, acreditamos que seja esse o mais importante objetivo do curso, ou seja, tornar o aluno autossuficiente para aperfeiçoar seus conhecimentos do idioma árabe obedecendo a metodologia adotada em aulas. Obviamente, sugerimos ao aluno que faça uso de um bom dicionário de árabe físico ou disponível em PDF na internet.

As aulas, não considerando as aulas particulares, foram constituídas de duas aulas semanais. Sendo assim, optamos por usar o livro *Media Arabic - A coursebook for reading Arabic News* na primeira aula da semana e a plataforma digital para estudantes de árabe da TV *al Jazeera* na segunda aula da semana, isto é as aulas da TV *al Jazeera* foram ministradas em laboratórios de mídia, e em caso das aulas particulares usamos o *notebook* do aluno ou do professor.

Vamos começar aqui descrevendo as aulas com o livro *Media Arabic - A coursebook for reading Arabic News*, sendo assim não obedeceremos a uma ordem cronológica, mas sim dividida entre os dois materiais usados no curso.

O livro *Media Arabic - A coursebook for reading Arabic News* tem a tradução das palavras em árabe para o inglês, o que não foi um obstáculo já que a maioria dos alunos tem um conhecimento considerável do idioma e quando não, ajudamos nas traduções necessárias. Todos os capítulos se constituem em dinâmicas que se dividem em: facilitação para a leitura em que o aluno pré-leitura, leitura das principais ideias do texto, entendimento organizacional do texto – que conta com exercícios para que os alunos respondam o que entenderam sobre o texto, leitura rápida, em que optamos na grande parte das aulas por pedir ao aluno que verbalize as ideias principais do texto, e

finalmente leitura crítica em que o aluno tentou identificar eventuais tendências políticas, partidárias ou ideológicas.

A primeira lição do livro Media Arabic - A coursebook for reading Arabic News, p. 8, teve como assunto: قمة رابعة في شرم الشيخ (*qimat rub'āiat fi sharm el sheikh* – convenção quadrilátera em Sharm el Sheikh). Inicialmente, questionamos os alunos sobre os possíveis assuntos a serem discutidos em uma convenção em países árabes, ou relativa aos países árabes, tais como acordos de paz, possíveis países participantes da convenção etc. Palavras e assuntos sugeridos pelos alunos foram escritos no quadro para serem memorizados e possivelmente identificados quando da leitura do texto. Posteriormente, antes de entrarmos na primeira parte do exercício, identificamos onde a convenção aconteceu para o entendimento político e contextual da situação. O texto trata sobre a questão da Palestina, porém, o livro não faz referência a um determinado jornal e também não cita o autor. Sendo assim, as seguintes questões foram lançadas:

- 1) Há uma possibilidade para um acordo de paz definitivo entre a Palestina e Israel?
- 2) Qual o papel de países não envolvidos diretamente no conflito; como Egito e Jordânia; na conferência?
- 3) Por que a escolha de uma cidade turística no Mar Vermelho para ceder a conferência ao invés de uma capital como o Cairo ou Amã?

De uma forma geral, mesmo em português, a discussão com os alunos sobre as perguntas se mostrou positiva, pois contextualizamos a questão do conflito palestino-israelense e os alunos puderam expressar suas posições, de forma imparcial, sobre o assunto. Procurou-se não se estender muito nessa parte, considerando-se o objetivo o aprendizado do idioma.

A primeira parte do exercício tem como título: التمهيد للقرأة (*at tamhid lil qira't* - facilitação para a leitura) em que os alunos leram as palavras novas e colocaram a tradução das palavras em árabe na própria folha ou no caderno.

As palavras como: encontro, conferência, conversações, participar, líder, delegação, partido, discutir, questão e solução, são termos recorrentes em artigos de jornais árabes, logo consideramos fundamental a memorização das mesmas pelos alunos.

Terminada essa identificação os alunos leram o texto, sublinharam as palavras novas e discutiram as ideias principais. O texto de 4 linhas trata sobre uma hipotética conferência de paz realizada no Egito, com a presença do líder da Autoridade Palestina, o Primeiro Ministro de Israel, o Presidente do Egito e o rei da Jordânia. O texto não cita os nomes dos líderes e também não indica a data da conferência. O encontro desses líderes tem como objetivo promover um eventual acordo de paz entre Israel e a autoridade palestina. Os alunos leram o artigo e reconheceram as palavras que anteriormente tinham lido no exercício “facilitação para a leitura”. Dessa forma, podemos considerar que o número de alunos que não teve uma compreensão total do texto foi pequeno. Explicamos aos alunos as palavras não compreendidas e passamos para a parte de entendimento organizacional do texto. Nessa parte, após a leitura, os alunos responderam muito satisfatoriamente a quatro perguntas:

- Qual o tipo do encontro?
- Qual o local do encontro?
- Quem são os participantes da conferência?
- Qual o assunto do encontro?

Das 53 palavras novas apresentadas no exercício “facilitação para a leitura”, pode-se afirmar que 30 palavras e expressões podem ser usadas fora de um contexto político ou de um texto extrinsecamente midiático quando o aluno quiser expressar sua opinião no âmbito de vida pessoal, relacionamentos, cultura, educação, esportes, medicina, etc. São elas essas palavras e expressões: um número de, pelo bem de, focar em, possibilidades, participar, discutir, questão, problema, concordar, espera-se que, mencionar, oportunidade, responsável, convidar, período, caminho, método, revisão, encontro, estado, nação, governo,

nível, além de, crise, oportunidade, fonte, confirmar, formação e reabertura. Por outro lado, temos um número menor palavras que são mais específicas de uma matéria jornalística que aborda um tema político, mas que também em outro contexto podem ser usadas em outras áreas como: nuclear, delegação, presidente etc.

Demonstramos nesse exercício a possibilidade do aluno usar um artigo de jornal e nele encontrar palavras e expressões presentes em um gênero específico que podem ser utilizados em outras competências.

Abaixo temos os exercícios de dois alunos:

RODRIGO PAIVA

Media Arabic - The American University in Cairo (Alaa el Gibali, Nevenka Korica)
2007 Lesson 3

التهديد للبراءة	سياسة (ج) سياسات Politics
لقاء، اجتماع Meeting	أجرى الاتصالات، يجري الاتصالات to contact
قمة (ج) قمم Summit	مكثف Intense
مباحثات، مباحثات Talks	ذكر، يتذكر to mention, remember
شارك، يشارك to participate	دولة (ج) دول State, nation
زعيم (ج) زعماء Leader	ضم، يضم to include
وفد (ج) وفود Delegation	ديوان office
طرف (ج) أطراف Party	سبيل (ج) سبل Way, method
ناقش، يناقش to discuss	رفيع High-ranking
بحث، يبحث to discuss	مستوى Level
قضية (ج) قضايا Issue	حكومة Government
حل (ج) حلول Solution	العديد A number of
استضاف، يستضيف to host	من أجل For the sake of
عقد، يعقد to hold	أزمات Crisis
وجه الدعوة، توجه الدعوة to invite	تشكيل Formation
عاجل = ملك King	وحدة الوطنية National Unity
مصدر (ج) مصادر Source	بالإضافة إلى In addition to
استمر، يستمر to continue	ركز على، يركز على To focus on
مدة Periodo	مفاوضات Negotiations
أكد، يؤكّد to confirm, to assume	إستئناف Reopening
وافق على، يوافق على to agree	مواجهة Confrontation
من المتوقع أن It is expected that	تطورات Developments
رئيس (ج) رؤساء President	ملف Dossier
موضوع (ج) مواضيع Subject	مسؤول Responsible
	فرصة (ج) فرص Opportunity
	استعراض Review
	نووي Nuclear
	إختصّالات Possibilities
	عسكري Military
	قصر (ج) قصر Castle
	قمة أردنية - سورية ليبحث التطورات بالشرق الأوسط

Figura 4 – Folha de glossário do aluno Rodrigo Paiva

يَجْرِي الْعَاجِلُ الْأُرْدُنِي مُحَادَثَاتِ الْيَوْمِ مَعَ الرَّئِيسِ الشُّورِي فِي مَبْنَى الْعَقْبَةِ. وَ سَيَحُثُّ الطَّرْفَانِ
عَنْ ثَلَاثَةِ السَّلَامِ فِي الشَّرْقِ الْأَوْسَطِ وَ تَطَوُّرَاتِ الْمَوْضِعِ فِي الْعِرَاقِ، إِلَى حَاجِبِ اسْتِغْرَاضِ لَمَلْفِ
الشُّورِي الْإِرَاقِي وَ إِحْصَالَاتِ الْمَوْجَهَةِ الْعَشْكَرِيَّةِ بَيْنَ الْبَنْطُنِ وَ طَهْرَانِ. وَقَالَ مَسْلُؤُولُونِ فِي قَعْرِ
لِلْمَلِكِي الْأُرْدُنِي إِنَّ الْمُبَاحَثَاتِ سَتَزَكُّ عَلَى قُرْصِ اسْتِثَافِ مَفَاوِضَاتِ السَّلَامِ بَيْنَ فِلَسْطِينِ وَ
إِسْرَائِيلِ

سِيَّاسَةُ
نَوْعِ الثَّقَاءِ
مَكَانِ الثَّقَاءِ
الْعَاجِلُ الْأُرْدُنِي وَ الرَّئِيسُ الشُّورِي
الْمُشَارِكُونَ
الْمَوْضُوعِ
الْمَوْضِعِ فِي الْعِرَاقِ

Figura 5 – Exercício completado pelo aluno Rdodrigo Paiva

<p>RODRIGO SILVERIO MAY 31, 2014</p> <p>Media Arabic - The American University in Cairo (Alaa el Glibali, Nevenka Korica) 2007 Lesson 2</p>	<p>سياسة (ج) سياسات Politics أجرى الاتصالات، يجري اتصالات to contact مكثف Intense</p>
<p>Media Arabic - The American University in Cairo (Alaa el Glibali, Nevenka Korica) 2007 Lesson 2</p>	<p>ذكر، يذكر remember to mention, remember دولة (ج) دول State, nation ضم، يضم to include</p>
<p>Media Arabic - The American University in Cairo (Alaa el Glibali, Nevenka Korica) 2007 Lesson 2</p>	<p>دولان office سبيل (ج) Way, method رفع High-ranking</p>
<p>Media Arabic - The American University in Cairo (Alaa el Glibali, Nevenka Korica) 2007 Lesson 2</p>	<p>مستوى Level حكومة Government العديد A number of</p>
<p>Media Arabic - The American University in Cairo (Alaa el Glibali, Nevenka Korica) 2007 Lesson 2</p>	<p>من أجل For the sake of أزمات Crisis تشكيل Formation</p>
<p>Media Arabic - The American University in Cairo (Alaa el Glibali, Nevenka Korica) 2007 Lesson 2</p>	<p>وحدة الوطنية National Unity بالإضافة إلى In addition to</p>
<p>Media Arabic - The American University in Cairo (Alaa el Glibali, Nevenka Korica) 2007 Lesson 2</p>	<p>يركز على، يركز على To focus on مفاوضات Negotiations استئناف Reopening</p>
<p>Media Arabic - The American University in Cairo (Alaa el Glibali, Nevenka Korica) 2007 Lesson 2</p>	<p>مواجهة Confrontation تطورات Developments ملف Dossier</p>
<p>Media Arabic - The American University in Cairo (Alaa el Glibali, Nevenka Korica) 2007 Lesson 2</p>	<p>مسؤول Responsible فرصة (ج) Opportunity استعراض Review</p>
<p>Media Arabic - The American University in Cairo (Alaa el Glibali, Nevenka Korica) 2007 Lesson 2</p>	<p>نووي Nuclear احتمالات Possibilities عسكري Military</p>
<p>Media Arabic - The American University in Cairo (Alaa el Glibali, Nevenka Korica) 2007 Lesson 2</p>	<p>قصر (ج) Castle</p>

Figura 6 – Folha de glossário do aluno Rodrigo Silvério

يُجرى العاهل الأردني محادثات اليوم مع الرئيس السوري في ميناء العقبة. و سيجتمع الطرفان عملية السلام في الشرق الأوسط و تطورات الوضع في العراق، إلى جانب استعراض الملف النووي الإيراني و احتمالات المواجهة العسكرية بين واشنطن و طهران. وقال مسؤولون في قصر الملكي الأردني إن المباحثات ستتركز على فرص استئناف مفاوضات السلام بين فلسطين و إسرائيل

نوع اللقاء لقاء سياسي

مكان اللقاء ميناء العقبة

المشاركون العاهل الأردني و الرئيس السوري

الموضوع عملية السلام في الشرق الأوسط

Figura 7 – Folha de exercício do aluno Rodrigo Silvério

Podemos concluir que de certa forma no exercício acima os alunos conseguiram pontuar os principais tópicos do texto.

Na página 97, lição 8, do mesmo livro, mudamos um pouco as dinâmicas dos exercícios. O texto trata sobre dois atentados na Cisjordânia, e assim como o exercício da página 8 o livro não faz referência a um determinado jornal e também não cita o autor. Como os alunos já possuem um conhecimento razoável das regras gramaticais em árabe procurou-se trabalhar inicialmente com um exercício em que o aluno teve que preencher as lacunas com os verbos no tempo passado, considerando as formas dos verbos no presente grafadas nas colunas seguintes. Esse exercício também funcionou como uma “facilitação para a leitura” em que os alunos também leram as palavras novas e colocaram a tradução das palavras em árabe na própria folha ou no caderno. De uma forma geral, os alunos não apresentaram problemas para executar o exercício. Mais adiante, no exercício posterior, os alunos leram o texto e identificaram as palavras aprendidas na “facilitação para a leitura”. Para melhor contextualizar o exercício discutiu-se superficialmente a questão palestina, e o porquê de cidadãos palestinos usarem o suicídio como forma de tentar legitimar o direito aos territórios ocupados. Foram formuladas as seguintes perguntas:

- Os atentados suicidas em Israel possuem uma justificativa religiosa, além de política?
- Por que os indivíduos que cometem esses suicídios são considerados mártires?
- Podem haver represálias por parte do governo de Israel contra as famílias desses “mártires”?

Também se optou pela colocação na lousa de um mapa da Palestina e dos territórios ocupados para uma visualização geográfica do assunto. Os alunos demonstraram interesse em discutir as perguntas formuladas acima que

possibilitaram uma melhor contextualização do texto a ser estudado. De uma forma geral, pretendeu-se com isso usar uma linguagem visual para dialogar com o artigo jornalístico. Sugerimos também aos alunos a contínua utilização de material visual e auditivo (mapas, imagens, músicas, reportagens disponíveis na internet, etc.) antes de começarem a estudar qualquer texto ou artigo jornalístico. Com isso, acreditamos que os alunos possam construir uma imagem mental do assunto que certamente facilitará a compreensão da matéria. Após a discussão das perguntas colocadas e a visualização do mapa na lousa também usamos a internet para assistir algumas matérias em árabe que tinham relação com texto jornalístico. Escolhemos o vídeo com melhor áudio e repetimos sua exibição mais de uma vez para que após a leitura do texto os alunos reconhecessem palavras e fizessem suas inferências.

Passamos para a leitura do texto. Embora curto, os alunos conseguiram de forma satisfatória compreender todas as palavras. Depois disso pedimos aos alunos que preenchessem as duas lacunas do texto com palavras que fizessem sentido no texto. As respostas nos mostraram que 4 dos 6 alunos presentes na aula usaram as palavras “cidade” e “foi morto” enquanto os outros dois usaram as palavras “aldeia” e “morreu”. Mais uma vez assistimos o vídeo disponível na internet e pedimos aos alunos que escrevessem todas as palavras que entendessem. Os alunos conseguiram identificar palavras existentes no texto como: “atualmente, martírio, correspondente, fontes, operações, assentamentos”, etc. Podemos afirmar com esse resultado que é viável a interação para aquisição de vocabulário com duas formas distintas de notícias, mas que dialogam entre si num mesmo tema.

Temos abaixo o exercício de uma aluno.

was
vassallo

Martyrdom martírio		إِسْتِشْهَاد
To explode	يُفَجِّرُ	فَجَّرَ
To lead to levar a	يُؤَدِّي إِلَى	أَدَّى إِلَى
Makeshift bomb bomba caseira		عُبُوءَ نَاسِيفَة
corpo/corpos	جُثَّتْ	جُثَّة
To carry out	يُنْقِذُ	نَقَذَ
To settle (in), to establish a residence or colony (in)	يَسْتَوِطِنُ	إِسْتَوِطَنَ
To attack, assail, assault	يُهَاجِمُ	هَاجَمَ
Immediately after		إِثْرَ
Now, currently		حَالِيًا

عملیات استشهائیتان فی الضفة (duas) martírios operações
أفاد مراسل الجزيرة بأن فلسطينياً فجر نفسه على مقربة من
مستوطنة كدوميم شرق مَدِينَة (nome) correspondente inferno
الضفة الغربية مما أدى إلى استشهاده ومقتل 3 إسرائيليين كانوا
في موقع الهجوم. وذكر المراسل أن فلسطينياً آخر استشهد إثر
تفجير عبوة ناسفة أمام محطة وقود تقع على مدخل مَدِينَة (nome) explosão dele
الخليل. وأضاف أن أربع جثث محترقة موجودة حالياً قرب
المحطة تعود إحداها لمنقذ العملية وذكرت المصادر العسكرية
militares fontes lembrou da (pessoa) operação executor um (volta) esquisito (ele)

Para o próximo exercício a ser demonstrado nos baseamos em um artigo da revista *al Kifah al arabi* (a luta árabe), de edição semanal, de 21 de Fevereiro de 2005. A revista tem sua sede em Beirute no Líbano, mas também conta com uma distribuição considerável na maioria dos países árabes, com exceção aos territórios palestinos, além das principais capitais europeias. Atualmente a revista disponibiliza um domínio eletrônico: www.kifaharabi.com, porém esse domínio não conseguiu maior projeção devido às conhecidas redes de notícias árabes como a *al Jazeera*, *BBC Arabic*, *Sky News Arabic* etc. Optamos por um artigo dessa revista por ela ter, pelo menos até o momento em que o artigo foi publicado, um viés ideológico muito claro. Por se tratar de um veículo midiático que pertencia ao Primeiro Ministro do Líbano *Rafik el Hariri* que claramente se opunha à presença militar síria do Líbano, optamos por fazer uma análise do texto em que os alunos identificassem possíveis tendências políticas. Acreditamos que essa análise daria a eles uma contextualização do artigo a ser estudado.

A matéria tem como título o assassinato do Primeiro Ministro libanês *Rafik el Hariri* ocorrido em 15 de fevereiro de 2005 em Beirute no Líbano. Formatou-se o exercício seguindo os modelos de exercícios presentes no *Media Arabic - A coursebook for reading Arabic News*, e por se tratar de um artigo longo optamos por transcrever apenas parte dele.

Começamos por ler as palavras novas em que os alunos preencheram as lacunas com os verbos no tempo passado, considerando as formas dos verbos no presente grafadas nas colunas seguintes. Assim como o exercício anteriormente demonstrado, esse também funcionou como uma “facilitação para a leitura”. Os alunos também leram as palavras novas e colocaram a tradução das palavras em árabe na própria folha ou no caderno. Pautamos este exercício primeiramente na discussão sobre a matéria. Acreditamos que a antecipação do assunto no texto pode facilitar uma maior compreensão por parte dos alunos. Colocamos na lousa um mapa do Oriente Médio para que os alunos visualizassem a pequena porção de terra que ocupa o Líbano nessa

região. Procuramos dar uma visão sobre a entidade do país e como os partidos religiosos fracionais compõem a unidade política libanesa. Também comentamos como a constituição outorga a presidência a um cristão maronita, o cargo de primeiro ministro a um muçulmano sunita e o parlamento a um muçulmano chiíta. Sendo assim, os alunos puderam ter uma ideia sobre a função do ministro assassinado na época e sobre a fragilidade do Líbano exposto então às interferências políticas e militares de seus países vizinhos.

Começamos verificando as palavras novas que estavam presentes no texto. Os alunos preencheram as lacunas colocando os verbos no passado se baseando nas colunas seguintes em que os verbos estavam no presente.

Após isso, escolhemos um vídeo curto na internet que tinha relação direta com o artigo a ser lido. Os alunos tentaram identificar as palavras que tinham visto na “facilitação para a leitura”. Seguimos para o texto em si em que os alunos completaram as lacunas com verbos e de forma geral apresentaram um entendimento satisfatório do texto.

رودریغو بايڤا

Media Arabic - The American University in Cairo (Alaa el Gibali, Nevenka Korica)
2007 Lesson 9 pag 98 and 99

Terrifying		مُرَوِّع
Civil war	حُرُوب أَهْلِيَّة	حرب أهلي
To die	يَلْقَى مَصْرَعَهُ	أَلْقَى مَصْرَعَهُ
To be affected by	يَتَأَثَّرُ بِـ	تأثر بـ
Incident	حَوَادِث	حادث
Aggression		إِعْتِدَاء
To consider	يَعُدُّ	عدّ (con)
To precede, to happen before	يَسْبِقُ	سَبَقَ
Affected by		مُتَأَثِّرٌ بِـ
To result from	يَنْتِجُ عَنْ	
To consider	يُرَجِّحُ	رَجَّحَ
To believe in	يُؤْمِنُ بِـ	أَمَنَ بِـ
To aim, to make one's goal	يَسْتَهْدِفُ	اسْتَهْدَفَ
To be complete, full	يَتِمُّ	نَمَّ

Figura 9 – Folha de glossário do aluno Rodrigo Paiva

مَقْتَل رئيس الوزراء في عملية مُروّعة في بيروت

في عملية تفجير مُروّعة تُعدُّ الأكبر من نوعها منذُ
توقّف الحرب الأهلية اللبنانية عام ١٩٩٠، لقيَ رئيس الوزراء
اللبناني الأسبق رفيق الحريري، ٦٠ عاماً، مصرّعه أمس
متأثراً بجروح التي أصيب بها نتيجة الانفجار الشديد الذي
استهدف موكبه بعد خروجه من مجلس النواب. كما
لقيَ ١٢ آخرون مصرّعهم و أصيب نحو مائة شخص على الأقل
في حادث الاعتداء على رئيس الوزراء الأسبق.
و رَجَّحَ مصادِرُ أمنيّة لبنانية أن تكون عملية
الاعتداء قد نَمَت بهجوم سيارة مُفخّخة على الموكب
الذي كان يسبق رئيس الوزراء الأسبق.

Passamos agora para a descrição das aulas ministradas a frente da tela de um computador. Podemos aqui sugerir alguns portais de notícias significativamente conhecidos como a *BBC Arabic*, *Sky News Arabia* e *CNN Arabic*, porém optamos pela *al Jazeera* por ela disponibilizar um segmento dentro do portal para estudantes que têm como o árabe uma segunda língua. Não queremos aqui discutir os já existentes materiais de ensino da língua árabe que contém CD-ROMS e que foram desenhados especificamente para o ensino do idioma. Acreditamos que a mídia disponível pode da mesma forma agir como uma ferramenta de ensino efetiva. Se considerarmos o segmento da *al Jazeera* para estudantes de árabe à luz da contemporaneidade de suas notícias e dos dispositivos que permitem aos estudantes dar prosseguimento aos seus estudos sem a ajuda de um professor, encontramos praticamente todas as dinâmicas fundamentais para o processo de aquisição de língua estrangeira: visualização do vídeo da notícia, vocabulário novo, perguntas de múltipla escolha sobre o texto, preenchimento das lacunas com palavras do texto, produção textual, produção oral e finalmente a discussão com outros alunos de diferentes lugares sobre o tema do texto. Segundo Gharawi, (2016, p 1) “Computers are essentially useful for presenting repeated drills, personalizing

the learning, providing choice and control for students, and promoting interaction, this creates a realistic learning environment.”¹⁸

É oportuno ressaltar que o professor pode também fazer uso de outros portais de notícias disponíveis, escolher uma matéria qualquer, formatar uma aula e utilizá-la com os alunos. Alguns pesquisadores como Azmad Bidin e Mark Whiteman produziram artigos sobre *Computer Assisted Language Learning* ou CALL. Whiteman por exemplo questionou a diglossia do idioma árabe considerando como seria possível adaptar em um só programa as diferentes nuances regionais da fala, e se houvesse um consenso, de qual região o árabe seria utilizado? Sendo assim, acreditamos que a utilização dos portais de notícias na internet deve facilitar ao aluno a escolha do material a utilizar, considerando-se a universalidade do árabe presente nos portais.

Entende-se que para o aluno chegar a um nível de proficiência satisfatório em qualquer idioma requer-se muito tempo de prática, ou até mesmo de um período de vivência no país da língua estudada. Nossa intenção aqui é mostrar que o árabe midiático pode colocar o aluno em um nível importante de proficiência se ele fizer uso do léxico adquirido nas matérias jornalísticas.

Escolhemos para nossa aula um artigo da *al Jazeera* que discute como o deserto leste da Península Arábica está atraindo turistas sauditas e estrangeiros como mostra a figura abaixo:

¹⁸ O computador é especialmente útil por apresentar a repetição de exercícios, a personalização do aprendizado, controle dos estudantes, interação que propicia um ambiente de aprendizado realista. (tradução nossa)

Figura 11 – Página de uma matéria do *al Jazeera Learning Arabic* (Foto do autor)

Inicialmente usamos o *Google Earth* (mapas) para brevemente identificarmos a região em que a matéria se desenvolveu. Após isso, conhecemos as palavras novas com tradução em inglês no espaço inferior à esquerda da tela. Um aluno optou pela tradução das palavras para o francês. Passamos para o texto, lemos e encontramos outras palavras novas como *amplas*, *estrangeiros*, *fuga*, *pressão*, *ao redor do mundo*, *dunas*, etc. Discutimos como a Arábia Saudita por ser uma monarquia islâmica, não é um destino turístico mundialmente conhecido. Lemos mais uma vez o texto, desta vez com o conhecimento de todo o vocabulário. Executamos todos os exercícios na ordem:

- a. Segure e arraste – em que os alunos colocaram algumas ideias principais do texto em colunas pré-destinadas.

- b. Certo ou errado – escolha das alternativas certas baseadas no texto, múltipla escolha – cada pergunta deu três alternativas com proximidades entre si.
- c. Ligue as ideias – três colunas à direita e três à esquerda nas quais os alunos ligaram as ideias conforme o texto.
- d. Preencha as lacunas – com palavras existentes no texto.
- e. Produção textual – pedimos aos alunos para escreverem para a aula seguinte dois parágrafos com suas próprias palavras sobre a matéria.
- f. Produção oral – os alunos leram individualmente a matéria em voz alta, gravaram um áudio e compararam suas pronúncias com o áudio original.

Figura 12 – página de sequencia de exercícios a serem cumpridos pelo aluno no portal da al Jazeera Learning Arabic (foto do autor)

Com esses exercícios sugerimos aos alunos a possibilidade de discussão sobre a reportagem estudada com outros estudantes da comunidade da *al Jazeera learning Arabic* no portal.

Em outra aula, também usando o portal da *al Jazeera*, escolhemos uma matéria que lidou com a crise de refugiados fugindo de conflitos no Iraque e na Síria. Esse tema gerou muito interesse durante a aula, pois estavam presentes dois alunos que estudam Relações Internacionais. Para não gerar discussões mais acaloradas, procuramos discutir as consequências desses conflitos, e não suas causas.

Conhecemos as palavras supostamente novas como: crise, refugiados, situação, economia, desafios, etc. Assistimos ao vídeo da matéria original e pedimos aos alunos que tentassem identificar as palavras aprendidas, ou já conhecidas no vídeo.

Imagem 13 – Foto do vídeo sobre a crise dos refugiados assistido pelos alunos (foto do autor)

Satisfatoriamente os alunos puderam identificar um número grande delas. Após isso, pedimos aos alunos que escolhessem palavras comuns em textos mediáticos que haviam aprendido em aulas anteriores. Algumas dessas palavras foram: acontecimentos, informou, declarou, resultou, expressou, comunicado e atribuiu, como mostra a figura abaixo:

Figura 14 – quadro em que os alunos sugeriram palavras aprendidas em aulas anteriores (foto do autor)

Mais uma vez, assistimos ao vídeo da matéria e pedimos aos alunos para tentar identificar as palavras lembradas por eles. Entre elas os alunos conseguiram identificar: declaração, resultou, desenvolveu – que tem uma das raízes comum com acontecimentos, e informou. Esse exercício teve, de forma mais lúdica, a intenção da repetição para aquisição de léxico.

Odecemos então a sequência de exercícios sugerida pelo portal como no exercício anteriormente descrito:

- a. Segure e arraste – em que os alunos colocaram algumas ideias principais do texto em colunas pré-destinadas.
- b. Certo ou errado – escolha das alternativas certas baseadas no texto, múltipla escolha – cada pergunta deu três alternativas com proximidades entre si.
- c. Ligue as ideias – três colunas à direita e três à esquerda nas quais os alunos ligaram as ideias conforme o texto.
- d. Preencha as lacunas – com palavras existentes no texto.
- e. Produção textual – pedimos aos alunos para escreverem para a aula seguinte dois parágrafos com suas próprias palavras sobre a matéria.
- f. Produção oral – os alunos leram individualmente a matéria em voz alta, gravaram um áudio e compararam suas pronúncias com o áudio original.

Em mais uma aula usando o portal da al Jazeera, encontramos uma matéria que ilustrou o uso da língua árabe na internet – redes sociais, e-mails e aplicativos de comunicação em celulares e como os jovens estão usando o árabe transliterado nesses ambientes.

Discutimos as possíveis consequências dessa tendência, e alunos trouxeram à pauta que a língua portuguesa também está suscetível a transformações devido às redes sociais.

Conhecemos as palavras novas presentes no glossário – oficial, conteúdo, comum, acaso, contrapartida, etc. Como as características do idioma árabe estão sempre presentes nas aulas como o número de falantes e língua oficial das Nações Unidas fomos direto para o exercício de segure e arraste para depois então voltarmos ao texto. Pedimos aos alunos para completarem as seguintes colunas com as idéias sugeridas:

1. Língua árabe
2. Redes Sociais árabes
3. Jovens

Podemos dizer que para fazer os exercícios os alunos usarem de uma analogia que é universal para todos os idiomas no que se refere ao uso das redes sociais, além disso, previamente havíamos discutido as transformações que podem ocorrer futuramente no português devido à brevidade de comunicação nos dias de hoje. As respostas foram:

1. Língua Árabe: língua mãe de 300 milhões de pessoas, língua oficial das Nações unidas.
2. Redes Sociais: Conteúdo pobre, transmissão de informações não oficiais.
3. Jovens: Uso de palavras estrangeiras, uso de letras latinas.

Retomamos o texto, lemos e anotamos as palavras novas. Alguns alunos identificaram na matéria uma tendência preconceituosa por parte da al Jazeera no uso de caracteres latinos para a comunicação em árabe mas não se oporam ao ingresso de palavras estrangeiras no idioma. Outros dois alunos manifestaram a dificuldade de entender uma palavra estrangeira em árabe e chegamos à conclusão que isso se deve ao fato dela não possuir uma raiz em árabe em que os alunos já estão adptados à inferência.

é, incorporaram a sistematização da prática por nós apresentada. Além disso, há uma carência de material que trabalhe a língua árabe como um todo, mas sempre focando, ora o árabe clássico, ora o coloquial. Obviamente, isto requer do professor um esforço maior e a adaptação de material para essa necessidade do aluno, além do conhecimento específico e vivência de cada região para poder atender o aluno.

Reiteramos durante as aulas a importância do uso de expressões conhecidas na mídia, destacamos a eficácia da repetição de palavras novas para a aquisição de léxico e propusemos aos alunos que adotassem a postura de contínua verificação daquilo que foi aprendido para que haja identificação e, consequentemente, a edificação de conhecimento.

Ressaltamos a linguagem como elemento fundamental nesse processo. Como pano de fundo – visual e sonoro, a linguagem mediou o entendimento entre o aluno, seu conhecimento de mundo e os conteúdos estudados. Essas conexões, graças à linguagem, fez-nos entender a necessidade de posicionar o aluno frente à experiência e à verificação para lhe dar estímulo e confiança. Obviamente, durante as aulas, testemunhamos que os alunos possuem processos de aprendizagem distintos, sendo assim, muitas vezes tivemos que diminuir o ritmo para que todos pudessem acompanhar as aulas e ter o cuidado de identificar as dificuldades de um ou outro aluno e à parte, sugerimos exercícios suplementares, aulas extras etc. Procuramos de forma insistente, conscientizar o aluno da relevância de aprender a aprender o idioma, e não apenas ser colocado à frente de novos conteúdos.

De uma forma geral, à luz da diferença do árabe com as línguas latinas, percebemos que o idioma, mesmo para os alunos intermediários com os quais trabalhamos, impõe desafios, como a diferença do aprendizado da língua coloquial e clássica, que é trabalhado com materiais e metodologias diferentes.

Ao inserirmos materiais de mídia no processo de ensino-aprendizagem, que usam o Modern Standard Arabic, observamos que os alunos começaram a resolver a dicotomia entre a língua clássica e coloquial, percebendo-as como

uma estrutura linguística única. Além disso, boa parte dos alunos tornou-se mais independente e, através da internet e da televisão, começou a procurar elementos que dialogavam com aquilo que eles tinham vivenciado em aulas anteriores.

Pelos resultados obtidos, podemos concluir que a hipótese inicial foi corroborada. O material de mídia veiculado pelo Modern standard Arabic mostrou-se muito atrativo e eficaz para os alunos, não apenas por facilitar a convergência do árabe clássico com o popular, como também por aproximar a língua da realidade dos alunos, levando, assim, a resultados mais satisfatórios no processo de ensino-aprendizagem.

5. Referências

- Específicas do tema

A New Arabic Grammar of the Written Language (J.A. Haywood e H.M. Nahmad, Lund Humphries Publishers Ltd. 1998)

Modern Arabic (Samar Attar, Librarie du Liban 1988)

BAKHTIN, Mikhail, Marxismo e a Filosofia da Linguagem, Editora Hucitec, São Paulo, 1999.

BADAWI, Al Said Muhamed, Al Kitab al Assasi, Al Munzamat Al Arabia lil Tarbia ua al Thakafa ua eEl Aalum, Tunis, 2006.

CABARGA, D. Teaching Spanish by radio, Modern Language Journal, 22, 189-200 1937.

CHARAUDEAU, Patrick, Discurso das Mídias, São Paulo: Editora Contexto, 2013.

CLARKE, C., The phonograph in modern language teaching, Modern Language Journal, 3, 116-122 – 1918.

Eastern Arabic – An Introduction to the Spoken Arabic of Palestine, Syria and Lebanon (Frank A. Rice e Majed F. Said, Georgetown University, 1977)

GARFINKEL, A, Teaching languages via radio: - A review of resources, Modern Language Journal, 56, 158-162.

GHARAWI, Muhamed, Computer Assisted Language for learning Arabic as a second language in Malasya, Jakarta: International Journal of Information and Technology, Vol 6, No. 8, Agosto, 2016.

KOCH, I.V. A inter-ação pela linguagem, São Paulo: Editora Contexto, 2003.

LÉVY, Pierre. As tecnologias da inteligência. Rio de Janeiro : 34, 1993.

SAUSSURE, F. Curso de Linguística Geral, 24 ED. São Paulo: Editora Cultrix, 2000.

VENTURI, Maria Alice. Tópicos de Aquisição e Ensino de Língua Estrangeira. São Paulo: Editora Humanitas, 2008.

WIPT, J., Shorwave radio and the second language class, Modern Language Journal, 68, 7-12.

- Bibliografia de apoio complementar

ABADI, Majed El Din. (1999) Al Qamus al Muhit. Beirut: Dar el Jil.

Al Aissau, Bachir, El Tarjama ila al Arabiyah, Cairo: Dar El Fikr El Arabi, 1996.

AL ASSUANI, Alaa. (2003) Amára Yakobian. Cairo: Maktaba Madbuli.

AL IFRIQUI, Ibn Manzur. (2000) Lissan al Arab. Beirut: Dar Sader Publishers.

AL KANANI, Abu el Hassan Mohamed. (1986) Rihla Ibn Jubair. Beirute: Dar wa Maktab el Hilal.

ALAA ELGIBALI & NEVENKA KORICA, Media Arabic - A coursebook for reading Arabic News, Cairo: The American University in Cairo Press, 2007

AL-MUAJEM al Arabi Al Assassi, Al Manzamat al Arabia lil Tarbiya u al Thakafa u al Aalum, Tunis. (sem autor) S/D

AL-YASSOUAI, Al Ab Luiz Maaluf. Munjed, Beirute: Dar es Shark. S/D

BAALBAKI, Ruhi. Al Mawrid. Beirute: Dar el-Ilm Lilmalayin, 1997.

BADAWI, El-Said. (2008) al-Kitab al-asasi. Cairo: The American university in Cairo Press.

BASTOS, Helder. Jornalismo electrónico - Internet e reconfiguração de práticas nas redacções. Coimbra: Livraria Minerva Editora, 2000.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHOMSKY, N. (1989). Necessary illusions: Thought control in democratic societies. Boston: South End Press.

DIAS, Cláudia Augusto. Hipertexto: evolução histórica e efeitos sociais. Brasília: [s.n.], 1999.

ECO, Umberto. Como se faz uma tese. 15e. São Paulo: Editora

EL MUSTAPHA LAHLALI, Advanced Media Arabic, Washington: Georgetown University Press, 2008.

FARAH, Paulo Daniel. Gramática da língua árabe para estudantes sul-americanos. São Paulo: Biblioteca e Centro de Pesquisa América do Sul-Países Árabes.

FARIS, D. New Media and Democracy in the Arab World. Science Direct. Disponível em:

<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/B9780080970868950852>

Acesso em: 08 de ago de 2016.

IBN MANZUR. Lissan al Arab. Beirute: Dar Sader Publishers, 2000.

KENDALL, Elizabeth. The Top 1000 Words for Understanding Media Arabic, Georgetown University Press, Washington, D.C.

KENSKI, Vani Moreira. Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação. Campinas, SP: Papirus, 2007.

LANE E.W., Arabic – English Lexicon. London: The Islamic Texts Society, 1984.

LÉVY, Pierre. A globalização do significado. São Paulo : Folha de São Paulo, 1997.

LÉVY, Pierre. A inteligência coletiva. São Paulo : Loyola, 1994.

_____. As tecnologias da inteligência. Rio de Janeiro : 34, 1993.

MACHADO, Arlindo. As mídias são os livros do nosso tempo? In: PERUZZO, Cícilia M. K. (org). A mídia impressa: o livro e as novas tecnologias. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares, 2002.

MACHADO, Elias. O ciberespaço como fonte para os jornalistas. Salvador: Editora Calandra, 2003.

MCLUHAN, Marshall, Os meios de comunicação como extensão do homem. São Paulo: Editora Cultrix, 1995.

NIMER, Miguel (2005) Influências Orientais na Língua Portuguesa. São Paulo: Edusp - Editora da Universidade de São Paulo. Perspectiva, 2000.

OUROJLOU, N. The importance of media in foreign language learning. Science Direct. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S187704281203251X> Acesso em: 10 de ago de 2016.

RAMMUNY, Raji – Advanced Standard Arabic. Michigan: The University of Michigan Press, 2003.

REGO, Tereza Cristina. Vygotsky – Uma perspectiva histórico-cultural da educação, Editora Vozes, 2000.

SAFADY, Jamil. Língua Árabe. São Paulo: Editora Comercial Safady Ltda, 1991.

SAID, E. W. Covering Islam: how the media and the experts determine how we see the rest of the world. London: Vintage Books, 2007.

TAHA, Hashem, Wazan al Fi'al wa Ma'aniha. Bagdá: University of Baghdad 1971.

WEHR, Hans. The Dictionary of Modern Written Arabic. Wiesbaden, Alemanha: J.M. Cowan 1994.